TRANSFORMAÇÃO FUNDAMENTAL

KRISHNAMURTI

Transformação Fundamental

Palestras com perguntas e respostas realizadas em Londres, Inglaterra, em 1955

Tradução de Hugo Veloso

Jiddu Krishnamurti

Índice

Terceira Conferência de Londres

Perguntas:

1 - Desejo que meu filho seja livre. A verdadeira liberdade é incompatível com a lealdade à tradição inglesa de vida e educação?

2 - A mente ocidental é exercitada para a contemplação do objeto, e a mente oriental sobre o sujeito. A primeira conduz à ação e a outra à inação. Qual a chave da integração dessas duas direções do percebimento, no indivíduo, que fará surgir uma compreensão total da vida?

3 - Tenho medo à morte. Vivi uma vida de muita riqueza e plenitude, e agora que já me vou aproximando do fim, toda essa satisfação acabou e nada me resta senão as crenças religiosas de minha meninice: purgatório, inferno etc. que me enchem de pavor. Podeis renovar-me a confiança?

4 - Sou jovem e até poucas semanas gozava saúde perfeita. Um acidente causou-me uma lesão mortal e os médicos me dão poucos meses de vida. Por que haveria de acontecer-me isso e como irei enfrentar a morte?

Quarta Conferência de Londres

Perguntas:

1 - Sou artista e preocupa-me sumamente a técnica de pintar. É possível que esta preocupação constitua um obstáculo à genuína expressão criadora?

2 - Depois de ler os vossos livros e ouvir vossas palestras, vejo que existe outra maneira de viver, completamente diferente, mas não posso achar a chave que abrirá a porta do meu atravancado habitáculo, libertando-me. Que devo fazer?

3 - Os sonhos têm uma significação real? Que acontece durante o sono?

Quinta Conferência de Londres

Perguntas:

1 - Sou capaz agora de aceitar os problemas que me dizem respeito. Mas como deixar de sofrer por meus filhos, quando atingidos pelos mesmos problemas?

2 - Quando se alcança o estado em que a mente se torna tranquila, e não se tem nenhum problema imediato, que nasce dessa tranquilidade?

3 - Se não tivermos experimentado a tranquilidade completa, como podemos saber se ela existe?

4 - Concordais com os ensinamentos de Buda?

Sexta Conferência de Londres

Perguntas:

1 - Tenho muito interesse no que dizeis, e sinto-me entusiasmado. Que posso realizar com esse entusiasmo?

2 - Como podemos ter paz neste mundo?

3 - Dizeis que, se pensamos completamente um pensamento, ele não se enraizará e ficamos livres dele. Quando tal pensamento surge de novo, como devo proceder?

4 - Pareceis rejeitar a ioga como método para a meditação. Não poderíamos executar mais facilmente essa coisa difícil se tivéssemos aprendido a quietar o corpo e a respiração?

Descrição do Livro

Transformação Fundamental consiste de palestras realizadas, em 1955, em Londres, Inglaterra. Neste livro, Jiddu Krishnamurti aborda um dos mais difíceis problemas: a questão de como operar uma transformação fundamental em nós mesmos. Todavia, quase todos temos muito interesse nesta questão da transformação, visto que estamos andando às cegas e estamos confusos. E aqueles que refletem seriamente deviam investigar a fundo junto a esta questão de como promover a transformação de si próprios.

"(...) Então, depois de ter cessado todo esse processo de reconhecimento pela sociedade, e quando a mente já não se preocupa com reformas, deve verificar-se uma transformação radical, inatingível pela mente consciente ou inconsciente; e, em virtude dessa transformação, será possível criar uma sociedade diferente, um Estado diferente. (...)"

– J. Krishnamurti

Primeira Conferência em Londres

(17 de junho de 1955)

Embora tenhamos numerosos problemas, e cada um deles pareça produzir muitos outros, poderíamos verificar agora se não seria muito mais acertado não buscar a solução de problema algum. Nossa mente parece incapaz de ocupar-se com a vida como um todo; é bem evidente que nos ocupamos de nossos problemas fragmentariamente, separadamente, fora da perspectiva total. O mais importante, talvez, se temos problemas, não é buscarmos para eles uma solução imediata, mas termos a paciência de investigá-los profundamente, para vermos se podem ser resolvidos pelo exercício da vontade. Releva, a meu ver, não a maneira de resolver os problemas, porém, sim, a maneira como os consideramos. Porque, sem liberdade, de qualquer maneira que os consideremos, nossa ação será restrita; sem liberdade, qualquer solução - econômica, política, pessoal ou qualquer que seja - só acarretará mais sofrimentos e mais confusão. Por esta

razão, considero muito importante averiguarmos o que é a verdadeira liberdade, descobrirmos por nós mesmos o que é a liberdade.

Só há uma liberdade: a liberdade religiosa; não existe outra liberdade. A liberdade que oferece o chamado "Governo de Bem-Estar" (Welfare State), a liberdade econômica, nacional, política etc., que se nos dá, não é liberdade, em absoluto, e só pode levar a um caos maior e a piores sofrimentos - fato muito óbvio para qualquer observador atento. Penso, pois, que deveríamos aplicar nosso tempo, nossa energia e pensamento, inteiramente à investigação do que é "liberdade religiosa" - a descobrir se tal coisa existe realmente. Esta investigação - se desejamos levá-la a bom termo, sem nos deixarmos desviar por atrações de espécie alguma - exige muita penetração, energia e perseverança.

Acho que merece a pena concentrar-nos, todos nós, neste problema: que significa ser "religiosamente livre"? É possível libertar a mente - isto é, nossa própria mente, a mente individual - da tirania das igrejas, das crenças organizadas, dos dogmas, dos sistemas de filosofia, das várias práticas da ioga, e todas as preconcepções sobre o que seja a Realidade ou Deus, e, livres de tudo isso, descobrirmos por nós mesmos se existe "liberdade religiosa"? Porque, sem dúvida, só a liberdade religiosa pode oferecer, definitiva e fundamentalmente, a solução de todos os nossos problemas, tanto individuais como coletivos. Isso, com efeito, significa: pode a mente descondicionar-se? Porque, em última análise, nossa mente é resultado do tempo, da tradição, de uma vasta experiência, não só a experiência do presente, mas também a experiência coletiva do passado.

A questão, pois, não é de como enobrecermos o nosso condicionamento, como melhorá-lo - como está tentando fazer a maioria de nós - porém, antes, de libertarmos completamente o nosso espírito de todos os seus condicionamentos. A questão verdadeira, parece-me, não é de decidirmos a que religião pertencer, que sistema de filosofia adotar, que disciplinas praticar para alcançarmos a percepção de uma realidade existente além dos limites da mente, porém, sim, de descobrirmos por nós mesmos, pela nossa compreensão individual, pela investigação própria e autoconhecimento, se a mente pode ser livre. Esta é a maior de todas as revoluções, a única revolução - a libertação da mente de todos os seus condicionamentos. Afinal de contas, para descobrir algo que seja eterno, descobrir se tal coisa existe, não deve a mente pensar em termos de tempo; não deve acumular o passado, visto que tal acumulação gera o tempo. As próprias experiências que colhemos têm de ser postas fora, porque elas manufaturam, constroem o tempo. Nossa mente, sem dúvida, resulta do tempo, condicionada pelo passado, pelas inumeráveis experiências, lembranças que acumulamos e que nos emprestam continuidade.

Assim sendo, pode-se ser livre religiosamente, de fato, no sentido mais profundo da palavra "religião"? Porque religião, bem de ver, não são ritos, dogmas, não é moral social, frequentar a igreja todos os domingos, a prática da virtude, o bom comportamento, que nos levam à respeitabilidade. Nada disso é religião, por certo. Religião é muito mais do que isso, coisa muitíssimo diferente.

Se desejamos verificar o significado de ser "religiosamente livre", acho necessário seja compreendido, integralmente, o problema da vonta-

de, do desejo, com seus alvos, atividades, propósitos, "projeções" inumeráveis - a armadilha em que a mente está cativa. Parece-me, pois, que os nossos problemas só poderão ser resolvidos, em definitivo, se deixarmos "queimar-se" totalmente o processo da vontade, coisa que parecerá completamente estranha a um espírito ocidental, e mesmo à mentalidade oriental. Porque, ao fim de contas, esta suposta religião, que geralmente aceitamos, está baseada essencialmente no processo do "vir a ser algo", de por fim alcançar certo estado, que é projetado ou inventado, não é verdade? Podemos, em raros momentos, experimentar um "novo estado", mas imediatamente pomo-nos a persegui-lo - o que também implica o cultivo da vontade de ser, de ser algo - e nele estará o processo do tempo, não é verdade?

Se a mente deseja alcançar algo além do tempo, além das limitações das experiências, baseadas essencialmente no condicionamento da ação, do pensamento, do sentimento; se desejamos alcançar algo além de tudo isso, sem dúvida é necessário que nossa mente, constituída que é de tantas atividades e desejos, finde, cesse as suas atividades. E isto, na verdade, significa compreensão de todo o processo da mente condicionada. Afinal de contas, é bem óbvio, a mente condicionada, que se formou e moldou segundo a cultura de uma dada sociedade, não pode encontrar algo que se acha além de todo o pensar. E a compreensão que nos faz achar o que está além é revolução - a verdadeira religião.

O que é significativo, portanto, não é que sejais cristão, budista ou hinduísta, um "seguidor", um homem que troca uma religião por outra para satisfazer sua particular vaidade, aceitando certas formas de rituais e

abandonando as antigas - sabeis as sensações que se experimenta quando se assiste a uma cerimônia religiosa. Tudo isso, a meu ver, é prejudicial, completamente inútil, para a mente que deseja descobrir o verdadeiro. Mas o abandono desse caminho, por ação da vontade, só pode naturalmente gerar mais condicionamento, o que acho muito importante compreender. Estamos habituados a exercer esforço, visando a um resultado. É por isso que nos exercitamos; praticamos certas virtudes e lutamos por alcançar certo padrão de moralidade, o que indica esforço, de nossa parte, para chegarmos a algum lugar, não é verdade? Seria desejável refletirmos sobre isto, discuti-lo, investigá-lo juntos, investigar como libertar a mente de todo condicionamento; se ela pode ser descondicionada pela ação da vontade, pela análise de todos os processos de pensamento e suas respectivas reações; ou se existe uma maneira totalmente diferente de proceder, ou seja, com um percebimento em que sejam "queimados" pela raiz todos os processos de pensamento. Todo pensar, obviamente, é condicionado; não existe "pensar livre" - tal coisa não existe. O pensar, sendo produto de nosso condicionamento, nossa cultura, nosso clima, nosso fundo social, econômico, político, nunca pode ser livre. Os próprios livros que ledes, as próprias praxes que observais, têm suas bases no vosso próprio fundo (background); e todo pensar só pode provir desse mesmo fundo. Assim, se pudermos estar vigilantes (poderemos apreciar mais adiante o que significa "estar vigilante"), talvez possamos "descondicionar" a mente, sem o processo da vontade, sem a determinação de descondicioná-la. Porque determinação denota uma entidade que deseja, uma entidade que diz: "Tenho de descondicionar a minha mente". Essa própria entidade é produto do

nosso desejo de alcançarmos certo resultado; portanto, já existe um conflito.

Mas podemos estar cônscios de nosso condicionamento, simplesmente cônscios? Assim, não há conflito algum. Na chama desse percebimento, se o permitimos, podem consumir-se todos os nossos problemas.

No fundo, todos temos o sentimento de que existe alguma coisa além do nosso pensar, dos nossos insignificantes problemas e tribulações. Há, porventura, momentos em que "experimentamos" esse estado. Mas tais experiências, infelizmente, se tornam um obstáculo ao ulterior descobrimento de coisas mais importantes; pois nossa mente gosta de apegar-se a toda coisa que experimentamos. Tomando tal coisa pelo real, ficamos-lhe apegados; mas, justamente este apego impede o experimentar de coisa muito mais importante.

A questão, por conseguinte é: pode a mente condicionada olhar-se a si própria, perceber o seu condicionamento, sem fazer escolha, abstendo-se de comparações e de condenação, para ver se na chama desse percebimento não se consome, pela raiz, o problema, o pensamento, que a preocupam? Não há dúvida de que toda espécie de acumulação, de conhecimentos ou de experiência, toda espécie de ideal, toda "projeção" da mente, toda prática deliberada para moldar a mente - o que ela deve ser e não deve ser -, não há dúvida de que tudo isso está paralisando o processo da investigação, do descobrimento. Se examinardes bem esta questão, se refletirdes a fundo a seu respeito, vereis que a mente tem de estar livre de todo condicionamento para que possa ter "liberdade religiosa". E é só nes-

ta liberdade religiosa que todos os nossos problemas podem ser resolvidos.

Nossa investigação, por conseguinte, deve visar não à solução de nossos problemas imediatos, mas, sim, a descobrir se a mente - não só a mente consciente, mas também a inconsciente, a mente profunda, onde estão depositadas todas as tradições, lembranças e herança racial -, se a totalidade da mente pode ser posta de lado, abandonada. Acho que tal coisa só é possível quando a mente é capaz de um estado de percebimento em que não haja exigência em nenhum sentido, nem pressão de espécie alguma, um estado de simples vigilância e percebimento. Penso ser uma das coisas mais difíceis o nos pormos assim vigilantes, porque o problema imediato, a solução imediata, nos está prendendo toda a atenção, e por isso são tão superficiais as nossas vidas! Ainda que recorramos a todos os analistas, leiamos todos os livros, adquiramos muito saber, frequentemos as igrejas, rezemos, meditemos, pratiquemos muitas disciplinas, nossa vida, não obstante, é muito superficial, pois não sabemos penetrar-lhe as profundezas. A meu ver, a compreensão, o modo de penetração que nos levará às maiores profundidades, está no percebimento, no estarmos cônscios, simplesmente, dos nossos pensamentos e sentimentos, sem condenação e sem comparação - no simples observar. Se o experimentardes, vereis como isso é difícil; porque nossa educação, em todos os seus aspectos, só nos prepara para condenar, aprovar, comparar. Nessas condições, parece-me que o nosso problema - que na realidade independe do tempo - é o de descobrirmos por nós mesmos, "experimentarmos" diretamente o que significa libertar a mente de todos os condicionamentos. É relativamente fácil livrar-

se do nacionalismo, das qualidades raciais hereditárias, de certas crenças e dogmas, não pertencer a nenhuma igreja ou religião - isso é relativamente fácil para todo aquele que refletiu seriamente sobre estes assuntos; mas é muito mais difícil ir mais longe do que isso, ultrapassar estes limites. Pensamos ter feito muito quando sacudimos de nós algumas das camadas superficiais de nossa cultura ocidental ou oriental. Mas o penetrarmos mais além, sem ilusões, sem enganarmos a nós mesmos, isso é extremamente difícil. À maioria de nós nos falta para tal a necessária energia. Não me refiro à energia que se cria pela abstinência, pela renúncia, pelo ascetismo, pelo controle, pois a energia oriunda dessas coisas é de uma qualidade falsificada, já que desfigura a observação; refiro-me àquela energia que nasce quando a mente já não está buscando coisa alguma, já não sente necessidade de buscar, nem de descobrir, nem de "experimentar", e, portanto, está verdadeiramente tranquila. Só nesse estado a mente é capaz de descobrimento; porque só a mente tranquila está apta a receber algo que não é "projeção" dela própria. A mente tranquila é livre - é a mente religiosa. Podemos considerar realmente este assunto, não como um grupo, "experimentando" coletivamente, o que, aliás, é relativamente fácil, mas podemos, como indivíduos, investigar realmente e descobrir por nós mesmos até que grau e até que profundidade estamos condicionados? E podemos estar cônscios desse condicionamento sem lhe opormos nenhuma reação, sem condená-lo, sem procurarmos alterá-lo, sem substituirmos o antigo condicionamento por um condicionamento novo, estar cônscios com tanta simplicidade e tão profundamente que o próprio "processo" de condicionamento - que, afinal, é simplesmente o desejo de estar seguro, o desejo de

permanência - seja "queimado" pela raiz? Podemos descobrir isso por nós mesmos - e não porque outro falou a seu respeito - percebê-lo diretamente, de modo que a própria raiz, o próprio desejo de segurança, permanência, seja de todo consumido? É esse desejo de permanência, quer no futuro quer no passado, esse apego à experiência acumulada, que nos impele à busca da segurança. E esse desejo não pode ser "queimado", consumir-se de todo? Porque é ele que cria condicionamento. Esse desejo, que quase todos temos, de saber, buscando nesse saber nossa própria segurança, esse desejo de experiência, para nos tornarmos mais fortes, não se pode acabar definitivamente - não pela volição, mas fazendo-o consumir-se na chama do percebimento, de modo que a mente fique livre de todos os seus desejos, e possa então surgir aquilo que é eterno?

Penso ser esta a verdadeira revolução, e não a comunista ou qualquer outra forma de revolução. Estas não resolvem os nossos problemas; pelo contrário, aumentam-nos, multiplicando as nossas tribulações, o que, mais uma vez, é um fato bem óbvio. Sem dúvida, a única revolução verdadeira é a que liberta a mente de seu condicionamento e, por conseguinte, da sociedade. Não é, pois, a mera reforma da sociedade. O homem que está libertado da sociedade, uma vez que está livre de condicionamento, agirá pela sua maneira própria, e sua ação, por sua vez, influirá na sociedade. Nosso problema, por conseguinte, não é a reformação - como melhorar a sociedade, como ter um "Estado de Bem-Estar" (Welfare State) comunista, socialista, ou coisa parecida. Nosso problema não se refere à revolução econômica ou política, nem à paz pelo terror. Para um homem verdadeiramente sério estas coisas não constituem problemas. O seu problema real é

o de investigar se a mente pode libertar-se, de todo, de seu condicionamento e, talvez, nesta investigação, neste silêncio extraordinário, descobrir aquilo que ultrapassa todas as medidas.

Tenho aqui várias perguntas, e, antes de a elas responder, acho importante verificar o que é que entendemos por "um problema". Só existe algum problema quando a mente está ocupada, não achais? Tende a bondade de escutar e permiti-me sugerir-vos que não salteis a conclusões, uma vez que estamos tentando investigar juntos. Quando a mente está ocupada, seja com Deus, seja com assuntos culinários, com uma pessoa, uma ideia, uma virtude, sua ocupação inevitavelmente tem de criar problemas. Se estou ocupado com o descobrimento de Deus ou da Verdade, esta minha ocupação se torna um problema, porque me ponho então a indagar, a mendigar, em busca do método mais eficaz etc.

A verdadeira questão, por conseguinte, não se relaciona com o problema em si, porém, sim, precisamos investigar porque anda a mente sempre ocupada, porque busca a mente ocupações. Não me refiro às atividades diárias, dos negócios etc., mas à ocupação psicológica da mente, a qual tem relação com a nossa vida de cada dia. Pouco importa com o que estejamos ocupados: se a respeito de Deus, da Verdade, do amor, do sexo, de assuntos culinários - tudo é a mesma coisa, não há "ocupações nobres". A mente busca ocupações, precisa estar ocupada com alguma coisa, tem horror a se ver não ocupada. Verificai, numa ocasião qualquer, quanto vos ocupam os vossos problemas e o que sucederia se não estivésseis tão ocupados: descobriríeis logo o horror que a mente tem de ver-se sem nenhuma ocupação. Nossa cultura, nossa educação, em todos os seus aspectos,

nos ensinam que a mente deve estar ocupada; no entanto, acho que a própria ocupação cria o problema. Isto não significa que não existem problemas; há problemas, mas eu acho que a ocupação com o problema é que nos impede de compreendê-lo.

É realmente interessante observar a mente, observar a nossa própria mente, e verificar como está sempre ocupada com uma coisa ou com outra; nunca se acha um momento em que ela esteja quieta, desocupada, vazia, nunca se encontra num espaço sem limites. Como andamos sempre tão ocupados, os nossos problemas aumentam sem cessar. E a mera solução de um dado problema, sem se compreender por inteiro o processo da ocupação mental, só tem o efeito de criar outros problemas. Assim sendo, não haverá possibilidade de compreendermos esta peculiar insistência da mente em estar ocupada, seja com ideias, especulações, conhecimentos, ilusões, estudos, seja com sua própria virtude e seus próprios temores? Estar livre de tudo isso, ter uma mente não ocupada, é muito difícil, porquanto significa, com efeito, a cessação de todas estas reações da memória, que chamamos "pensar".

Pergunta: Sou muito "apegado", e sinto ser muito importante cultivar o desapego. Como alcançarei esse sentimento de liberdade do apego?

Krishnamurti: Nosso problema é o desapego? Ou será o apego? Ser "apegado" causa sofrimentos, e, por conseguinte, desejamos tornar-nos de-

sapegados. Se pudermos considerar o inteiro processo do apego, não superficialmente apenas, mas compreendendo o seu verdadeiro significado, penetrando-o até o fundo, então é bem possível que se apresente algo muito diferente daquilo que chamamos "desapego". Porque somos tão apegados a alguma coisa: nossos haveres, pessoas, ideias, crenças? Bem sabeis quantas formas de apego existem e a quantas coisas vivemos apegados. Porque somos tão apegados? Não há um sentimento de temor se não estamos apegados a alguma coisa, se não estou apegado a meu amigo, a uma ideia, uma experiência já acabada, um filho, irmão, mãe, uma esposa morta? Não nos consideramos desleais, desamorosos, se não somos apegados? E não há também, em nosso apego, um medo estranho de não sermos alguma coisa? O problema é este, e não como cultivar o desapego. Se cultivo o desapego, este próprio cultivo se torna um problema.

Vede, por favor: eu sou apegado; meu apego resulta de temor, de variadas formas de solidão, de vazio etc. Estou cônscio disso e conheço as penas que o apego me impõe; consequentemente procuro cultivar o desapego. E assim a minha mente se mantém ocupada com o desapego e sobre como alcançar tal estado; e esse processo mesmo se torna um problema, não é verdade? Desejo conquistar o desapego e, assim, a mente, ocupando-se com o resultado, com uma ideia chamada "desapego", cria o problema da consecução do "desapego"; nasce então o conflito - sou apegado e devo ser desapegado -, e esse conflito gera sofrimento. E vem daí uma luta constante para se alcançar certo estado isento de sofrimento e de temores. Mas, se sou capaz de encarar o apego, estar cônscio dele, sem perguntar como libertar-me da penosa luta para compreender tudo o que o

apego implica, se sou capaz de estar simplesmente cônscio dele, como se está cônscio do céu - vendo-o nublado ou escuro, carregado de chuva ou todo azul -, não há então problema algum e a mente não está mais ocupada com a questão do apego ou com seu oposto, o desapego.

Quando a mente está assim vigilante, cônscia, pode então perceber o inteiro significado do apego. Mas não se pode discernir todo o significado interior do apego se há qualquer forma de condenação, comparação, julgamento, avaliação. Se "experimentardes" o que estou dizendo, vereis claramente a sua significação. O mero cultivar do desapego torna-se uma coisa por demais superficial. Suponhamos que fiqueis desapegados - e daí? Mas, quando há percebimento, pode-se ver que onde há apego não há amor; onde há apego, há desejo de permanência, de segurança, de continuidade pessoal - o que não significa que devamos aspirar à autodestruição. E, percebendo-se isso, o problema do apego se torna extraordinariamente significativo e amplo. Se nos limitamos a fugir do apego, por causar-nos tanto sofrimento, essa fuga só pode levar-nos a um amor superficial, um pensar superficial. E a maioria dos que estamos praticando a virtude - a virtude do desapego, da não avidez, da não violência - levamos na realidade uma vida superficial, vida de ideias, de palavras. Se estamos bem cônscios do problema do apego, em todos os seus aspectos, começaremos a descobrir as suas extraordinárias profundezas, o quanto a mente está apegada à experiência de ontem, com a dor ou o prazer que a acompanharam, o quanto está presa a essa experiência. Não será possível ficarmos livres da experiência, tanto de prazer como de dor, enquanto não estivermos verdadeiramente vigilantes. Nessa vigilância ou percebimento, em que não há esco-

lha nem reação alguma, a mente pode descer a grandes profundidades. A mera prática de qualquer virtude só pode conduzir à respeitabilidade, que é o que a maioria das pessoas deseja, pois a respeitabilidade identifica-nos com a sociedade. Todos desejamos ser reconhecidos como "algo", grande ou pequeno, isto ou aquilo; e a esta ideia temos apego. Podemos desejar desapegar-nos de pessoas, porque tal apego nos causa dor, ao passo que a ideia a que estamos apegados não nos é dolorosa. Mas, para compreendermos verdadeiramente o problema do apego - apego à tradição, à nacionalidade, aos costumes, ao hábito, ao conhecimento, à opinião, a um Salvador, a toda sorte de crenças e não crenças -, não devemos contentar-nos com arranhar a superfície, nem pensar termos compreendido o problema do apego pelo fato de estarmos cultivando o desapego. Mas se, ao contrário, não procurarmos cultivar o desapego - cultivo que apenas se torna mais um problema -, se pudermos simplesmente observar, com toda a clareza, o apego, seremos então, talvez, capazes de descer a uma grande profundidade e descobrir algo completamente diferente, algo que não é apego nem desapego.

Pergunta: Estudei muitos sistemas de filosofia e as doutrinas dos grandes guias religiosos. Tendes algo melhor para oferecer, do que a que já sabemos?

Krishnamurti: Pergunto-me a mim mesmo porque é que estudais, porque ledes filosofia, porque ledes os ditos dos guias religiosos. Pensais que o saber que tendes adquirido dos instrutores e dos livros vos levará a alguma parte? Ele poderá ser útil, numa discussão, para "deitardes erudição", mostrardes quanto sois perspicaz. Mas o saber acumulado - afora no mundo científico - pode conduzir um homem, a vós ou a mim, ao descobrimento do que é real, do que é verdadeiro, Deus, o Eterno, descobrimento sem o qual a nossa vida muito pouco significa? Sem dúvida, para se achar o Eterno, temos de largar todo o nosso saber, não é verdade? Tudo o que disse Buda, Cristo, ou outro qualquer - tudo isso não tem de ser posto de lado? Senão estareis meramente perseguindo vossas próprias "projeções" ou a "projeção" da vossa igreja; estareis, na verdade, reagindo ao vosso próprio condicionamento.

Ora, vós tendes de deixar de ser cristãos, hinduístas, budistas ou praticantes da ioga, deveis deixar tudo isso completamente para que "o que está além" (caso exista) possa manifestar-se. Se dizemos, simplesmente, que além existe algo, e aceitamos este algo, e esperamos alcançá-lo, com isso nos mostramos muito superficiais. Mas podemos empreender uma jornada sem nada sabermos, sem apoio nenhum, sem sermos cristãos, budistas, hinduístas, que são simples rótulos e denotam uma mente condicionada? O pormos de parte tudo o que sabemos, eis o único problema, e pouco importa que eu tenha "algo melhor para oferecer". Porque, sem dúvida, um homem deve estar só - não isolado, não "sozinho" - no saber, na experiência, porque todo saber e toda experiência são obstáculos ao descobrimento do real. A mente deve estar livre de todo condicionamento, tem

de estar só, para descobrir. Quanto mais uma pessoa observa certa prática, quanto mais acumula, quanto mais disciplina, molda, torce, luta, tanto menos compreenderá o que é. Não estou falando de nenhuma filosofia indiana de negação, de "nada fazer", quando tendes a mentalidade ocidental de "fazer algo"; não é disso que estou falando. Estamos tratando de coisa completamente diferente. A mente deve tornar-se pura, nova. Não pode ser nova e pura se há acumulação de saber ou a mera repetição das palavras de um instrutor, ou o resultado final de certa prática.

Não pode a mente tornar-se cônscia de seu próprio condicionamento? Não só do condicionamento superficial, mas de todos os símbolos, ideologias, filosofias, imagens, todas as coisas, enfim, que jazem nas profundezas da mente e a estão condicionando. Tornar-se cônscio dessas coisas e delas libertar-se, eis o que é "liberdade religiosa". Esta liberdade é que opera a revolução - a única revolução que pode transformar o mundo.

Segunda Conferência em Londres

(18 de junho de 1955)

Afigura-se-me proveitoso o podermos investigar um problema em todos os seus aspectos, com aquele percebimento de que ontem estivemos falando, procedendo não teoricamente, mas praticamente, e descobrindo assim, por nós mesmos, a verdade contida nas palavras que ouvimos. Por isso me parece de suma importância o saber escutar. Os mais de nós não escutamos realmente. Temos muitas teorias, reações, respostas, que impedem efetivamente o verdadeiro escutar.

Desejo tratar de um problema que considero muito complexo e que merece, portanto, uma atenção despida de qualquer esforço para compreender e da atitude de quem está meramente ouvindo uma explicação. Procuremos, antes, acompanhar com atenção e lucidez o desenvolver da investigação, de modo que possamos compreender o problema inteiro. Nossa civilização baseia-se na inveja, e nós somos o produto dessa civiliza-

ção. Existe a inveja não só no aspecto social, onde se vê competição entre todos, para conquistar resultados, posições, poder etc., mas também interiormente ou, como se costuma dizer, espiritualmente, existe o mesmo impulso de aquisição. Penso que a maioria das pessoas está cônscia disso. A ânsia de chegar, de pegar, de compreender, de ser, de atingir um alvo, de achar a felicidade, Deus, ou o que mais seja, tudo isso, sem dúvida, constitui o "processo" da aquisição, o impulso da inveja. A sociedade, desenvolvendo-se, vai refreando cada vez mais o instinto aquisitivo, exteriormente, por meio da legislação; mas, interiormente, não há lei capaz de refreá-lo. E a mim me parece que este instinto aquisitivo é um dos problemas principais; porque nele está implicado todo o "processo" do esforço. Se pudermos examinar realmente este problema, e ver se é possível ficarmos livres, de fato, desse impulso para encontrarmos um refúgio seguro, para nos tornarmos algo, espiritualmente, acho que teremos resolvido um problema descomunal, talvez o único problema. Afinal de contas, quando buscamos a Realidade, ou Deus, às vezes desejamos abandonar o mundo, com sua competição, suas divisões, suas lutas de classes e tudo o mais, e procuramos tornar-nos monges ou sanyasis. Mas não há abandono do processo de aquisição, mesmo quando nos tornamos eremitas, mesmo quando renunciamos ao mundo. Prevalece sempre o desejo de "vir a ser" alguma coisa, seguir alguém para alcançar o conhecimento da Realidade, achar a Verdade; está sempre a impelir-nos a inveja, o desejo de aquisição, de ganho. Nesse "processo" se baseia, social e espiritualmente, a nossa cultura, a nossa civilização. Todos os nossos esforços são dirigidos no sentido de adquirir virtude, bens, propriedade, ou um estado de felicidade, de bem-

aventurança, e isso implica constante empenho, competição constante, luta para "sermos alguma coisa". Este é, a meu ver, um fato evidente do qual na maioria estamos conscientes.

Ora bem, é possível percebermos com clareza este problema, não só no plano consciente, mas também nas camadas profundas do inconsciente, de modo que possamos libertar-nos daquele impulso? Porque enquanto houver esta luta, por mais benéficos que sejam os seus resultados, num dado nível, ela é prejudicial, um obstáculo, noutro nível. Todos somos exercitados, educados para competir, tanto interior como exteriormente; e desse modo não existe amor a coisa alguma, por ela própria, mas sempre, só, a ideia de uma coisa que se precisa alcançar. Por certo, é de muita importância descobrir se a mente pode libertar-se de suas atividades aquisitivas. Em última análise, o nosso empenho em nos tornarmos virtuosos é uma forma de inveja, não achais? Podemos discutir a este respeito? Enquanto a mente estiver dominada pela inveja, sob qualquer forma, pelo desejo de realização, de alcançar um objetivo, buscar um resultado, buscar o Céu, a paz ou a Realidade, tem de haver uma constante acumulação, na memória, de fatores vários, que efetivamente desencorajam a qualquer um de se lançar ao descobrimento do real.

Essencialmente, temos medo de ser o que somos, não é verdade? E queremos modificar o que somos; mas, nesse "processo" de modificação, surge o problema do "como". Nosso desejo é de sermos diferentes do que somos; e por isso andamos sempre em busca de um método como realizar nosso objetivo, como ser não violento etc. O problema resulta de ser nossa cultura aquisitiva, o que significa essencialmente invejosa; ela está basea-

da na inveja. Isto é muito fácil de perceber na vida social. Mas, interiormente, sob o aspecto dito "espiritual", intelectualmente, muito fundo, é sempre a mesma coisa que prevalece; a inveja é a base de nossa busca. Vendo-me aflito, infeliz, desejo modificar esse estado, fugir para outro estado. Por essa razão seguimos diferentes instrutores, ouvimos discursos sobre variados temas, lemos livros religiosos, tentamos reformar, disciplinar a nós mesmos, sempre com a mira num resultado. Se for possível estarmos cônscios de tudo isso, então será também possível, talvez, compreendermos um estado no qual nenhum esforço existe. Podemos discutir a este respeito?

Pergunta: É condenável o desejo de melhora, aperfeiçoamento? Que estamos fazendo aqui, ouvindo-vos falar, senão buscando aperfeiçoar-nos?

Krishnamurti: Esta é, com efeito, uma questão interessante, que vale a pena examinar, se for possível. Que é aperfeiçoamento pessoal? Antes de mais nada, para que possa haver aperfeiçoamento, temos de compreender o que é o "eu", a pessoa, não achais? Achamos que é lícito, correto, aspirar ao aperfeiçoamento pessoal. Mas que é que entendemos por "pessoa", "eu"? Existe um "eu", uma pessoa constante, suscetível de melhorar, uma entidade que tenha continuidade real, não aquela continuidade que desejamos ter? Existe uma continuidade do "eu", separada da continuidade do organismo físico, que tem seu nome particular, suas qualidades particula-

res, que vive em certo lugar e tem certas relações, um emprego etc.? Afora esta entidade, existe um "eu" contínuo?

Auditório: Sim. Não.

Krishnamurti: Isto, por certo, não é uma questão de opinião, de "sim" ou "não". Se desejamos investigar não devemos saltar a conclusões de espécie alguma. Não devemos tomar por um fato o que é mera opinião ou desejo. Nós queremos investigar se existe um "eu" suscetível de melhorar, de crescer: se há uma entidade permanente, que prossegue melhorando, melhorando sempre. Ou só há desejos, impulsos, compulsões, contraditórios, e aquele que predomina quer continuar, reprimindo os outros desejos? Ou, ainda, só existe um estado de fluidez, uma mudança constante, sem permanência alguma, e a mente, reconhecendo esta impermanência, esta fluidez, esta transitoriedade, aspira a algo permanente a que chama "eu" e que ela deseja tenha existência contínua, com aperfeiçoamento constante?

Quando falamos de aperfeiçoamento pessoal - Eu a tornar-me melhor, mais nobre, menos isto e mais aquilo - não há dúvida de que isso tudo não passa de um "processo" de pensar, não é exato? Não existe "eu" permanente, mas, tão só, o desejo de termos permanência. Há, pois, possibilidade de melhoramento de "mim", posso melhorar a mim mesmo? Que se entende por aperfeiçoar, melhorar? Melhorar de quê, e para quê? Sou ganancioso e desejo melhorar, ser não ganancioso. Sou invejoso, irritadiço, o que quer que seja, e desejo mudar esse estado para outro. Faço grandes es-

forços, disciplino-me, pratico certas meditações etc. etc., lutando sempre e sempre para aperfeiçoar-me; mas nunca faço a pergunta básica: que é esse "eu" que deseja aperfeiçoar-se? Quem são essas duas entidades, a que observa e deseja mudar, e a que é observada? Estou sendo claro?

Auditório: Sim. Sim.

Krishnamurti: Bem, quando eu digo "preciso aperfeiçoar-me", quem é a entidade que diz "Preciso aperfeiçoar-me"? E existe uma entidade, um "eu", diferente da entidade que observa? Consideremos bem isto. Eu sou ávido, invejoso, e desejo melhorar, desejo expulsar a inveja. Aqui estão duas entidades, não é verdade? Uma que é invejosa, e a outra que deseja libertar-se da inveja.

Ouvinte: Não necessariamente; só há uma entidade.

Krishnamurti: Vejamos. Qual é o "processo" real? Eu sou invejoso; e sinto que não é esta a coisa mais conveniente, pois encerra sofrimento, é amoral; desejo por isso transformar a inveja, ou o que quer que seja. São estes os dois estados presentes em mim. Mas ambos estão na mesma esfera de pensamento, não é exato? O "eu" que é ávido e o "eu" que deseja mudar - os dois são "eu", não achais?

Ouvinte: No minuto em que nos decidimos a mudar, já não somos ávidos.

Krishnamurti: Não estamos neste momento considerando como mudar, nem o que mudar. Quando falamos de "melhorar a nós mesmos", há de fato melhora, ou simplesmente a troca de uma capa por outra capa, a substituição de um conjunto de palavras e sentimentos por outro?

Ouvinte: Não há aperfeiçoamento, a menos que seja realizado o ideal.

Krishnamurti: Quase todos nós perseguimos ideais: "o bom", "o belo", "o verdadeiro", "a não violência" etc. E sabemos porque os perseguimos: porque esperamos, por meio deles, transformar a nós mesmos. Os ideais nos servem de alavanca e estimulam-nos a transformar-nos, tornar-nos mais perfeitos. Este é um fato real, não? Considerai a violência: sou violento, e por isso tenho o ideal da não violência. Persigo esse ideal, tento praticá-lo, estou constantemente pensando nele, tentando mudar a mim mesmo e as tendências do meu pensar, a fim de ajustar-me ao ideal que para mim mesmo estabeleci. Mas, realizado o ideal, efetuei alguma transformação real em mim mesmo? Ou não fiz mais do que substituir um conjunto de palavras por outro? A violência pode ser modificada com um ideal?

O que importa, sem dúvida, não é o ideal, mas a coisa concreta, o que é, a compreensão de o que é. O importante, para mim, é compreender o meu estado de violência, suas fontes, suas causas etc., e não que me esforce para alcançar um estado de não violência. Não é assim? Não achais que

à maioria de nós é extremamente difícil abandonarmos os nossos ideais, apagá-los de todo, e nos aplicarmos àquilo que realmente é? Se estais inteiramente interessados em o que é, há então alguma possibilidade de aperfeiçoamento pessoal?

Ouvinte: Quer dizer que estas coisas todas desaparecem quando as discutimos?

Krishnamurti: Nós não estamos interessados em como "fazer desaparecer coisas". O que nos interessa é investigar como se pode transformar uma coisa, tal como a avidez, sem conflito.

Ouvinte: Se estou interessado em o que é - digamos a violência - com isso não dou mais força à violência?

Krishnamurti: É exato isso? Tende a bondade, examinemos bem isto. Todos os que aqui estamos somos aparentemente grandes idealistas; aceitamos os ideais como meio de transformarmos a nós mesmos. Podemos prosseguir partindo deste ponto, com todo o vagar?

Ouvinte: Um ideal não é bom ou mau, conforme o uso que dele se faz? Podeis comprar coisas boas ou coisas más, com vosso poder, vosso dinheiro; o mesmo se pode dizer dos ideais.

Krishnamurti: Eu pensava que isto era uma questão antiquada, já há muito liquidada, mas vejo que estava enganado. Porque é que temos ideais?

Ouvinte: É principalmente porque fomos educados para termos ideais.

Krishnamurti: Ainda que não tivésseis sido educado de acordo com certo padrão de pensamento, não criaríeis ideais, vós mesmo?

Ouvinte: Deu-nos Deus um cérebro para pensar, e com ele criamos ideais para nos ajudarem a progredir.

Krishnamurti: Entremos nesta questão com vagar, passo a passo, e vejamos se descobrimos, nesta tarde, pelo menos uma coisa: porque temos ideais. Vejamos se os ideais têm alguma significação em nossas vidas - profundamente, não superficialmente. Investiguemos todas as consequências que estão implicadas nos ideais. Têm eles, realmente, alguma significação? Se não têm, podemos descartar-nos deles, de todo, e olhar as coisas de maneira totalmente diferente?

Ouvinte: Dá-nos muito prazer pensarmos no ideal.

Ouvinte: Os ideais não constituem uma via que nos aproxima da luz? Não somos atraídos para o Alto, mesmo sem o sabermos?

Ouvinte: Decerto nós estamos insatisfeitos com o que somos, e procuramos fugir desse estado. Se o que somos nos causa dor, tratamos de fugir da dor para algo que nos proporcione prazer e felicidade.

Krishnamurti: É isso mesmo, não achais? Não estamos satisfeitos com o que somos e queremos fugir desse estado, ver-nos livres dessa insatisfação. Esta é a questão que nos concerne, não achais? Estamos insatisfeitos com o que somos.

Ouvinte: Não penso assim. Estou perfeitamente satisfeito com o que sou. Não vejo razão para não estar.

Krishnamurti: Se eu estou perfeitamente satisfeito com o que sou, não há então problema algum, não há nada para debatermos aqui. Mas pode-se afirmar com segurança que quase todos nós estamos insatisfeitos.

Ouvinte: Não temos ideais porque dentro de todo ente humano arde uma centelha divina?

Krishnamurti: Senhor, que quer dizer isso? Como podemos sabê-lo? O fato é que estou descontente com o que sou; tal é o estado da maioria de nós. Sou feio e desejo tornar-me belo; sou ávido e quero ser não ávido, porque a avidez traz no seu bojo a dor; sou apegado e desejo ser desapega-

do, porque o apego é fonte de sofrimentos. Tudo isso são aspectos da nossa insatisfação com o que é, não achais? Com nossa insatisfação esperamos realizar uma mudança, um resultado; queremos apagar toda insatisfação. Se pudermos, por ora, concentrar-nos só nesta questão, quem sabe se não chegaremos a compreendê-la toda?

Estou insatisfeito com o que sou. Esta insatisfação não nasceu porque estou comparando-me com outra coisa? Compreendeis esta pergunta? Estou insatisfeito comigo mesmo, porque vos vejo feliz, satisfeito. Vós tendes algo que eu não tenho, e desejo obter esse algo.

Ouvinte: Se acabamos com a insatisfação, se estamos bem cônscios dela, se sabemos que "eu sou o que sou", que nos resta então para alcançar, para construir, estimular-nos a lutar?

Krishnamurti: Acho que se formos andando com mais vagar, sem saltarmos a conclusões, haverá mais possibilidade de aprofundarmos a raiz do problema. Diz-se que temos ideais porque somos divinos. Mas eu não sei se sou divino. Podem-me ter dito que há dentro de mim uma centelha de divindade, mas a esse respeito nada sei, não é exato? Repito apenas o que ouvi dizer. Quero investigar, por mim mesmo, se existe tal coisa, tal divindade. E não poderei investigá-lo se a minha mente se acha insatisfeita, porque, em virtude de minha insatisfação, eu próprio posso criar um ideal da divindade, satisfatório para mim. Achando-me insatisfeito, psicologicamente, interiormente, a minha busca só pode visar à satisfação. Dessarte, crio uma verdade, um estado, uma realidade, uma bem-aventurança,

um céu, a meu contento; trata-se, pois, apenas, de minha própria obra. Mas, se me for possível compreender porque estou insatisfeito, compreender todo o "processo", todo o significado da insatisfação, estarei, então, talvez, apto a compreender algo muito superior, em vez de ficar meramente aferrado a uma criação minha, de meu próprio desejo.

Fixemos, pois, a atenção neste ponto: nós estamos insatisfeitos. Pois bem, o nosso problema então é este: se estou insatisfeito, como achar a satisfação? Pode ser que eu o esteja formulando rudemente, mas o fato real é este.

Ouvinte (levantando-se, brandindo a Bíblia): Eu encontro satisfação em ler a palavra de Deus. Converti-me, e desde que li a palavra de Deus estou satisfeito, e nada mais desejo.

Krishnamurti: Exatamente, senhor. Todos estamos em busca da satisfação. Vós a achais na Bíblia; eu talvez a encontre num copo de bebida. Outro pode encontrar a satisfação no poder, no prestígio, no dinheiro; e eu posso achá-la no meu aperfeiçoamento pessoal. Como vemos, todos andamos atrás da satisfação. Não é exato isto?

Auditório: Sim. Sim.

Krishnamurti: Buscamos a satisfação na realização de um ideal, numa crença. Vós podeis achá-la de uma maneira e eu de outra maneira; a vossa

pode ser uma dessas maneiras chamadas "nobres", e a minha uma das chamadas "ignóbeis". Mas o estímulo, o impulso, a tendência predominante é a de encontrarmos um estado de inalterável satisfação. Não é isso o que desejamos?

Auditório: Sim. Sim.

Ouvinte: Mas esse impulso não se desfaz logo que transcendemos a nós mesmos? Isso é como ouvir música: a música nos arrebata a nós mesmos e às limitações da vida.

Krishnamurti: Ora, por certo isto é só uma teoria - se eu fizesse isto aconteceria aquilo. Mera suposição. Mas o fato real é que estamos insatisfeitos e buscando a satisfação. É por isso que estais aqui a ouvir-me, não é? Esperais achar alguma coisa, ouvindo-me. Estais insatisfeito, estais buscando, sois infelizes, frustrados, em contradição, e desejais achar uma saída dessa desordem, desse caos; e, por isso, ficais escutando, na esperança de achardes aquela saída. Afinal, que significa, verdadeiramente, "estar insatisfeito"?

Ouvinte: Significa que nos falta a compreensão da Consciência Suprema.

Krishnamurti: Ora, meu Senhor! Como pode uma mente que se acha tão perturbada, tão ansiosa, tão frustrada, que está constantemente exigindo, desejando - como pode uma mente nesse estado imaginar uma consciência suprema, ou qualquer desses ideais? Tudo isso pode ser puro absurdo. O fato real é que eu estou perturbado. Porque não partirmos daí? Estou insatisfeito; como achar a satisfação? Eis o nosso problema, não achais?

Auditório: Sim. Sim.

Ouvinte: A busca de satisfação não é a mesma coisa que um estado de perturbação do "eu"?

Krishnamurti: Investigaremos isso, senhor. Tende a bondade, vamos devagar, passo por passo. Eu estou insatisfeito, e vós também estais.

Ouvinte: Estou insatisfeito com o que sou. Se eu soubesse o que sou, seria muito mais feliz; mas não sei o que sou.

Krishnamurti: O problema é só este, não achais? Sou infeliz e desejo achar a felicidade. Vejo-me num estado desditoso, de frustração, e desejo achar preenchimento.

Ouvinte: Por quê?

Krishnamurti: Por favor, vejamos em primeiro lugar o fato, sem dizermos "porquê?" Examinaremos isto. Mas é este o fato?

Ouvinte: Sim, é este.

Krishnamurti: Assim sendo, o que logo nos interessa é o como promover modificação. Sou infeliz e desejo ser feliz. Como operar esta transformação?

Ouvinte: Pelo ser feliz.

Krishnamurti: Senhor, se disserdes a um homem infeliz: "seja feliz!" - isto nada significa, não?

Ouvinte: Percebo a insatisfação em mim mesmo, e que minha mente está fugindo desse estado.

Krishnamurti: Exatamente. Sem nunca ter compreendido o processo da insatisfação, só desejo fugir dela. Estou insatisfeito, sou infeliz, sou violento; não gosto de tal estado e desejo modificá-lo. E tenho o ideal como meio de operar a transformação em mim mesmo; ou saio a seguir alguém que promete mostrar-me a maneira de tornar-me satisfeito, feliz. E isso, em verdade, significa que, sem compreender o estado em que me acho, estou negando-o. Não é verdade? Estou negando o estado em que

me encontro, porque aspiro a um estado que penso me dará satisfação, me dará felicidade, porá fim à minha frustração. Se, entretanto, em vez da fuga, lançássemos fora todos os ideais e encarássemos o fato de que estamos insatisfeitos, poderíamos então prosseguir investigando. Pois enquanto estou fugindo do fato de que estou insatisfeito, tentando tornar-me satisfeito, haverá necessariamente frustração. Nessas condições, preciso compreender este estado de insatisfação com todas as suas complicações, em vez de tentar mudá-lo para qualquer outra coisa.

Compreendemos este estado? E podemos, examinando-o juntos, libertar a nossa mente do ideal e encarar o fato de que sou violento? - o que não significa perguntar como não ser violento, pois isso é mera fuga ao fato. Posso olhar o fato?

Ouvinte: Que quereis dizer com "olhar o fato"?

Krishnamurti: Podemos examinar isso agora? Como encaro, na realidade, o fato de que sou violento? Que significa "olhar uma coisa"? Significa: posso olhar a mim mesmo sem me condenar? Podemos olhar o fato da violência sem introduzir o desejo de ser "não violento"? A própria palavra "violência" tem sentido condenatório, não é verdade? Estais compreendendo?

Auditório: Sim. Sim.

Krishnamurti: Isto é, torno-me cônscio de que sou violento, invejoso. E para mim o que é importante é compreender esse estado, e não procurar alterá-lo. Porque o próprio desejo de alterar é uma fuga ao fato. A menos que isto esteja bem claro não podemos ir mais longe.

A dificuldade, aqui, é que cada um está interessado nos seus próprios pensamentos, na sua própria maneira de traduzir o que se está dizendo. Podemos observar esta questão, juntos, com toda a simplicidade? Eu sou invejoso. Sempre me disseram, desde a meninice, que isso é um defeito, e fui condicionado para condenar esse estado; estou, pois, insatisfeito com ele. Li em certos livros e ouvi dizer que a gente deve viver em paz, num estado de amor etc. Por isso, estou tentando mudar o que sou naquilo que deveria ser. Este "deveria ser" é o ideal, não é verdade? - uma fuga àquilo que sou. Penso que isto está bastante claro. Assim, tratemos, em primeiro lugar, de abandonar completamente o ideal. Para a maioria de nós, esta é a coisa mais difícil. A mente tem de libertar-se, antes de tudo o mais, do ideal. Quem sabe se não estou insatisfeito por causa do ideal? Sinto talvez que devia ser um ente nobre, e, como o não sou, vejo-me insatisfeito. Ou será a insatisfação uma coisa inerente ao meu ser, independente de comparação? Compreendeis o problema?

Auditório: Sim.

Krishnamurti: Se assim é, só conheço a insatisfação em virtude da comparação do ideal com aquilo que sou? E se não houvesse comparação, continuaria eu insatisfeito? Se eu não pensasse em termos de mais ou de

menos, haveria insatisfação? Ê a insatisfação uma coisa inerente ao meu pensar, ao meu ser?Tenho conhecimento do ideal, ensinaram-me o que ele é, e, também, desejo aperfeiçoar-me, tornar-me coisa maior - e por esta razão estou insatisfeito. Mas enquanto eu pensar em termos de tempo - isto é, em "tornar-me alguma coisa" no futuro - tem de haver necessariamente insatisfação, não é certo? Assim, pode a mente libertar-se da comparação?

Estais aqui me ouvindo - não é verdade? - porque desejais alcançar certo estado de que vos falei. Se eu alcancei ou não tal estado, isto não importa. Vós desejais alcançá-lo. Por quê? Porque estais insatisfeitos, porque sois infelizes, vos sentis frustrados, não sois nada e desejais ser algo. E a este esforço para sairdes do estado em que vos achais para o estado que pensais deverdes alcançar, a esse esforço chama-se "processo de desenvolvimento", não é verdade?

Auditório: Sim.

Krishnamurti: Mas, se eu for capaz de compreender o verdadeiro estado em que me encontro, então a ideia de tornar-me alguma coisa, a ideia de necessitar de tempo para o meu desenvolvimento, talvez seja sem cabimento, completamente falsa. E eu acho que o é. O problema, neste caso, é que estou insatisfeito, já não me interessa saber como alcançar a satisfação, porque vejo nisso uma fuga do fato real, a insatisfação, a infelicidade, a frustração. O fato real é que me sinto "frustrado", porque ando buscando preenchimento. Não é assim? Estou buscando o preenchimento e, por esta razão, me sinto frustrado. Pergunto, assim, a mim mesmo, se existe efeti-

vamente preenchimento. Compreendeis? Enquanto estou buscando preenchimento há, concomitantemente, o medo de não poder preencher-me. Assim sendo, não achais acertado investigar se efetivamente há preenchimento, em vez de investigar como preencher-me, como acabar com a frustração que me domina? Porque enquanto me interessar o preenchimento tem de haver frustração. Isto é um fato óbvio.

Ora, porque é que buscamos preenchimento? - preenchimento no meu filho, no meu emprego, e por todas as outras maneiras. Sabemos o que significa esse preenchimento, não sendo necessário descrevê-lo com muita minúcia. Talvez não haja nenhuma possibilidade de preenchimento, e, por isso, quando o buscamos, há frustração e, consequentemente, sofrimentos. Se eu puder descobrir a verdade - se há ou não preenchimento - poderei talvez ficar livre da frustração. Assim, pois, há preenchimento? Eis a questão inteira. Está claro isto?

Auditório: Sim.

Krishnamurti: Em nossa vida de cada dia existe a ânsia de preenchimento. E a esta ânsia se associam a frustração, o pesar, o sofrimento, a inveja, e muitas outras coisas que conhecemos muito bem. Há sempre o sentimento de que nos falta algo, um sentimento de insuficiência, não é verdade? Posso preencher-me num sentido, e sentir-me completamente infeliz noutro sentido. Tal estado perdurará indefinidamente; a frustração é um processo contínuo. Meu problema, por conseguinte, é descobrir a verdade, isto é, se há preenchimento. E por que desejamos preencher-nos?

Ouvinte: Porque tememos o estado em que nos sentimos não preenchidos; temos medo de permanecer não preenchidos.

Krishnamurti: Investiguemos, examinemos a nós mesmos. O preenchimento é um estado transitório, o interesse varia constantemente. Não há estado permanente de preenchimento, há? Portanto, por que existe o desejo de preenchimento?

Ouvinte: Porque ansiamos pela permanência.

Krishnamurti: Logo, visto que, em nós mesmos, não somos permanentes, que nenhuma riqueza existe em nós, que somos interiormente pobres, e sofremos, buscamos o preenchimento, procuramos adquirir, ser algo. Esta é a raiz do problema, não achais? Estais percebendo?

Auditório: Sim.

Krishnamurti: Continuemos, então. Estamos confusos, sentimo-nos sós, insuficientes interiormente. Tal é o fato. Toda ação que nos distancia deste fato é uma fuga, não? E esta é uma das coisas mais difíceis: não fugir. Porque o observar, o considerar o fato, estar cônscio dele, exige não condenação do fato, não comparação, não avaliação. Assim sendo, podemos, não teoricamente, mas de maneira real, "experimentar" esta coisa de

que estamos falando? Porque, então, veremos que é possível ficar totalmente livre desse sentimento de insuficiência, dessa causa fundamental dos nossos sofrimentos.

Ouvinte: Quereis dizer que devemos estar satisfeitos assim como somos?

Krishnamurti: Não, senhor - porque isso só leva à estagnação, à imobilidade, à morte. Eu estou mostrando que qualquer interpretação de um fato ou se baseia na satisfação ou na insatisfação. Assim, posso observar aquele fato, que é a insuficiência interior, sem comparar, sem julgar? Posso observá-lo sem medo? Não é o meu medo ao fato que me obriga a fazer todas essas coisas, que me faz perseguir o ideal? Compreendemos agora que é o medo que nos leva a comparar, o medo de algo que não conhecemos? Demos-lhe o nome de "insuficiência", "solidão", "desdita", "confusão"; e, tendo dado um nome ao fato, condenamo-lo e fugimos dele. Quando não condenamos, quando não julgamos, quando não avaliamos e comparamos, resta-nos então só o medo. Está tudo claro até aqui?

Auditório: Sim. Sim.

Krishnamurti: Medo de quê? Entendeis esta pergunta? Tenho medo de um estado a que chamo "insuficiência". Eu não conheço esse estado, nunca o observei verdadeiramente, mas tenho-lhe medo. Porque lhe tenho medo, fujo dele. Mas, agora, não estou fugindo, por meio da comparação

ou do ideal, porquanto já percebo a falsidade da fuga. Resta-me, pois, só o medo de uma coisa, a respeito da qual nada sei. Não é exato isso?

Auditório: Sim.

Krishnamurti: Se estais seguindo realmente o que estou dizendo - não verbalmente, intelectualmente, "descritivamente" - podereis ver claramente o "processo" revelando-se, e as profundezas a que se pode descer. Já não tenho ideais, que perderam toda significação. Não estou mais lutando por um alvo. O fato é: tenho medo de uma coisa que não conheço; mas, se deixo de fugir dessa coisa, fico então em companhia do fato e do medo. Se me ocupo com o medo, se pergunto "como me livrarei do medo", isto será outra fuga do fato, não achais? Agora, estou interessado na compreensão de o que é; e vejo que, porque dei a uma coisa o nome de "vazio", "solidão", "insuficiência", criou-se o medo. O por um rótulo na coisa fez surgir a reação de medo a tal rótulo.

Em vista disso, pode a mente tornar-se cônscia da coisa, sem a condenar, nem julgar, nem fugir, nem lhe dar nome? É dificílimo, porque quase todos estamos tão condicionados para o cultivo do ideal que isso nos impede de encarar o fato real. Não somos capazes de observar o fato, por causa da comparação, porque a mente lhe põe um rótulo, lhe dá um nome. Mas, quando não se dá nome ao fato, quando não fugimos dele por meio dos ideais, da comparação, do julgamento, que resta então? Fica alguma coisa que possa ser chamada "insuficiência"? Existe ainda aquele desejo de preenchimento, que gera a frustração? Estamos começando a descobrir

como nossa mente foi até agora incapaz de observar qualquer coisa, livre desse processo confuso e contraditório. Só quando a mente é capaz de abandoná-lo de todo - não à custa de esforço, mas porque percebe a verdade a seu respeito -, só então a inveja cessa, cessa de todo. Já não está essa mente sob a influência de nenhuma sociedade ou cultura, porque toda a nossa cultura se baseia na inveja. E ver-se-á, então, que a mente não mais estará buscando, porque nada mais há que buscar. Essa mente estará então deveras tranquila. O mero repetir do que acabo de dizer não terá significação nenhuma. Mas o "experimentar", de fato, pelo autoconhecimento, sem acumular o que se "experimentou" - uma vez que a acumulação desfigura toda experiência ulterior -, o estar cônscio de tudo isso, dá-nos a verdade, dá-nos aquela extraordinária liberdade que vem quando estamos completamente sós. A mente que está completamente só, não contaminada, que não foge - essa mente é capaz de receber o que é verdadeiro.

Terceira Conferência em Londres

(19 de junho de 1955)

Nossa busca, principalmente em matéria religiosa, afigura-se-me sobremodo superficial. Não parecemos capazes de ir além dos níveis superficiais. A maioria de nós passa os dias buscando certa Realidade que o nosso pensar condicionado "projetou" ou só é capaz de compreender superficialmente. Não é um problema que interessa à maioria de nós o de investigarmos muito profundamente, ultrapassarmos os níveis superficiais, livres de todos os psicólogos, todos os profetas, instrutores, Salvadores, Mestres, e disciplinas, de modo que, como indivíduos, possamos realmente descobrir o que é verdadeiro? Parecemos incapazes disso, pois estamos sempre buscando apoio, confirmação, naqueles que supomos terem já achado a Verdade, ou nos propagandistas das diferentes religiões. Nenhuma confiança temos na nossa própria capacidade de descobrir. Se adquirirmos confiança na nossa capacidade, então possivelmente estaremos livres

para descobrir o que é verdadeiro, aquilo que transcende os limites da mente.

Mas como adquirir essa capacidade? Porque, se a tivermos, estaremos então livres, libertados de toda obediência, toda autoridade, toda tendência à imitação, ao conformismo com o padrão estabelecido por determinada religião ou filosofia. Se tivermos a capacidade de investigar verdadeiramente, profundamente, de penetrar até as raízes do nosso ser, sem desfigurarmos o que vemos, sem termos medo de não descobrir, não achar um resultado, teremos então a possibilidade de libertar-nos de toda influência cultural, seja do Oriente, seja do Ocidente. Porque nenhuma cultura, assim me parece, pode ajudar-nos a achar a realidade, o imensurável, o atemporal. A influência ocidental ou oriental nos tem condicionado de tal maneira, a tal ponto moldado a nossa mente, que apenas somos rapazes de pensar dentro do padrão de nossa cultura. Não creio que a cultura possa ajudar-nos, em qualquer circunstância que seja. Pelo contrário, acho que devemos estar livres dela, totalmente livres, o que significa que devemos estar livres do desejo de reconhecimento pela sociedade. O homem capaz de descer até às raízes das coisas, só esse é um verdadeiro indivíduo. Presentemente, somos "a massa", o corpo coletivo, resultado da cultura, da tradição, de crenças várias e experiências condicionadas. Por certo, só quando estamos livres de tudo isso podemos ser verdadeiramente individuais; e é só então que a realidade pode despontar. Mas como adquirir essa capacidade que nos libertará de toda autoridade, em matéria espiritual, de modo que sejamos verdadeiros indivíduos, capazes de descobrir por nós mesmos, sem precisarmos do estímulo, da confirmação, do apoio de ninguém?

Considero esta uma pergunta fundamental. Raramente fazemos perguntas fundamentais; e, se as fazemos, deixamo-nos satisfazer facilmente pelas respostas superficiais, pelas palavras de outro.

Assim, pode-se adquirir aquela capacidade? Não no curso do tempo, o que, além do mais, é evasão; mas podemos tê-la imediatamente, vós e eu? Pode-se ultrapassar o nível superficial? Que é que me impede de ter a clareza necessária para compreender o todo, a totalidade do meu ser? No próprio "processo" da compreensão de que o meu ser é resultado da tradição, do tempo, da cultura, do medo, da experiência, não poderei lançar à margem tudo isso, para que a mente esteja fresca, lúcida, e apta a descobrir, a perceber diretamente? Estou certo de que a maioria de nós já fez tal pergunta. Pode a mente ser livre, independente de qualquer outro, seja quem for esse outro, independente de qualquer sistema ou roteiro? Se sigo um sistema, um roteiro, terei naturalmente os resultados a que o sistema ou o roteiro conduz, mas já não serei um indivíduo, um verdadeiro descobridor. O verdadeiro descobridor tem de ser um indivíduo livre. Assim, pois, que nos está impedindo de ter essa extraordinária capacidade de investigar profundamente, sem nos satisfazermos com explicações superficiais e crenças? Uma das razões é que agimos, pensamos, de acumulação em acumulação, não é verdade? Onde há acumulação tem de haver imitação. Toda experiência deixa um resíduo, uma lembrança, e em virtude dessa lembrança agimos, acumulamos, e tornamos mais forte o "eu". Não há um só momento em que nosso espírito esteja verdadeiramente livre, sem os resíduos das experiências de ontem. Essa memória, resultado de anos de

acumulação, essa memória é que nos priva da capacidade de percebimento claro, direto. Como vemos, a nossa mente nunca é livre.

Não sei se já notastes como toda experiência deixa um resíduo, um resultado, ao redor do qual as experiências ulteriores vão sendo traduzidas, colhidas, acumuladas e conservadas. A memória, pois, como experiência, como tradição, como saber, constitui uma carga que nos impede a capacidade de ser livres, completamente individuais, e capazes de descobrir as coisas por nós mesmos. Se um homem nasceu hinduísta ou cristão, o seu espírito naturalmente foi condicionado segundo uma determinada simbologia, segundo várias ideias relativas à realidade, à meditação; e através desse condicionamento a mente experimenta, e fortalece, assim, cada vez mais tal condicionamento. O cristão, em matéria espiritual, estará sempre apegado à imagem do Cristo ou da Virgem Maria, e o hinduísta faz a mesma coisa, à sua maneira. Quando se é livre, totalmente, e não apenas à superfície - o que significa: quando não há imitação em circunstância alguma, quando não há tendência para o conformismo, psicologicamente, interiormente -, só então, por certo, tem o indivíduo a capacidade de investigar, de descobrir.

Se prestastes atenção até aqui, ocorrer-vos-á naturalmente esta pergunta: "Como posso libertar-me de toda acumulação do passado, de todo o meu condicionamento?". Não há "como"; só há o descobrimento da Verdade, sem se perguntar "como ser livre?". Porque se toda nossa atenção está aplicada ao descobrimento do que é verdadeiro, então este próprio percebimento, este próprio escutar do que é verdadeiro, liberta. Enquanto estamos pensando em termos de crença, ilusão, coisas que desejamos ser,

somos incapazes de escutar, de dar toda a nossa atenção. Nossas crenças, nossas tradições, nossos símbolos, nos impedem o efetivo escutar de qualquer verdade. A mim me parece que a única coisa importante é a atenção; a atenção completa é o bem completo. A atenção que tem em mira um objetivo já não é atenção, é exclusão.

Por conseguinte, se formos capazes de escutar, não com o fim de ganharmos alguma coisa - porque tal atenção se torna exclusivista, estreita, limitada - e, sim, com o nosso ser inteiro, escutar totalmente, sem objetivo algum, ver-se-á que nunca mais pediremos o "como", o método, o sistema, a filosofia, a disciplina. Nesse estado de atenção completa não há contradição dentro de nós mesmos, não há batalha entre o consciente e o inconsciente - é a atenção total. Por conseguinte, não há necessidade de se percorrer todo o "processo" psicanalítico, exumando, uma por uma, as lembranças, para nos tornarmos livres delas.

Podemos, então, vós e eu, que estamos escutando, experimentar de fato, sem que cada experiência deixe resíduo algum? Compreendeis o problema. Se experimento algo, essa experiência deixa uma lembrança, esta lembrança condicionará as experiências futuras; e, nessas condições, não será possível experimentar aquilo que é imensurável. O que é está fora do tempo; e a memória é do tempo. Quer se trate da lembrança superficial de um dado incidente, quer da lembrança de uma experiência que tivemos em raras ocasiões, em que sentimos, em que conhecemos talvez algo que excede todas as medidas da mente, algo eterno, como quer que seja, estamos perenemente apegados a tal experiência, com o que a mente fica impedida de experimentar mais além, mais profundamente. Enquanto a experiência

deixar vestígio de memória, que é tempo, nunca será possível experimentar o que é eterno. A mente, portanto, deve deixar-se morrer, momento por momento, para cada experiência. Efetivamente, só nesse estado ela é criadora. E pode-se adquirir a capacidade de profunda penetração? Acho que sim, mas isso só é possível quando não nos satisfazemos com explicações, quando não nos deixamos nutrir com palavras; quando já não dependemos da experiência de outros; quando não recorremos a ninguém e empreendemos a viagem completamente sós, depois de nos desvencilharmos de todas as tradições, toda a cultura, toda crença, e, sobretudo, todo o saber. Porque, se a mente está abarrotada de sabença, só poderá experimentar aquilo que sabe.

Assim sendo, é possível pormos de parte, vós e eu - não teoricamente, não apenas por agora, porque estamos escutando uma palestra, mas realmente, diretamente -, é possível pormos de parte toda a acumulação racial, hereditária, deixarmos de ser ingleses, ou hindus, deixarmos de ter religião, no sentido de ortodoxia, dogmas, símbolos? Se ficamos apegados a todas estas coisas já não somos verdadeiros descobridores. Estamos, então, meramente em busca de uma satisfação, do prazer de uma experiência exigida pelo nosso condicionamento. E eu penso que aquela capacidade não é coisa do tempo. Se levamos em conta o tempo, cairemos de novo na sujeição ao método. Mas se vemos, se sentimos a importância de perceber claramente a necessidade de completa liberdade interior, se vemos a verdade a esse respeito, então esse próprio percebimento, esse próprio escutar com plena atenção, traz a capacidade.

Pergunta: Desejo que meu filho seja livre. A verdadeira liberdade é incompatível com a lealdade à tradição inglesa de vida e de educação?

Krishnamurti: Isto é o que se diz na Índia também: posso ser hindu, leal à minha pátria, e ao mesmo tempo estar livre para achar Deus? Posso ser hinduísta, budista ou cristão, e ao mesmo tempo ser livre? É possível isto? Eu posso ter um passaporte, um pedaço de papel, para viajar; mas isso não me faz necessariamente hindu. A liberdade, por certo, é de todo incompatível com qualquer nacionalidade, qualquer tradição. Há o estilo de vida americano, o estilo de vida inglês, o estilo de vida russo, e o estilo de vida hindu. Cada um diz "Nosso estilo de vida é o único que convém", apegando-se tenazmente a esse estilo. E, no entanto, todos falamos de liberdade e de paz. Acho que tudo isso tem de desaparecer, se desejamos criar um mundo diferente, um mundo que seja nosso, um mundo sem comunismo, socialismo, capitalismo, hinduísmo ou cristianismo. A Terra é o nosso mundo, onde devemos viver, não divididos: viver felizes, livres. Mas não poderá ser nosso o mundo enquanto existirem ingleses, hindus, alemães, comunistas etc.; dessa maneira, nunca seremos livres.

Só poderá surgir a liberdade quando formos verdadeiramente religiosos, quando cada um de nós for realmente um indivíduo, no exato sentido da palavra. Quando formos religiosamente livres, poderemos então criar um mundo que será nosso e, por conseguinte, dar aos jovens uma educação diferente, e não meramente condicioná-los segundo uma determinada

cultura, encaixá-los num determinado sistema, educá-los para serem comunistas, ateístas, católicos, protestantes ou hinduístas; tais indivíduos não são livres, e por conseguinte não são verdadeiramente religiosos: estão simplesmente condicionados; e são causadores de tanta miséria! Está visto pois que, se desejamos criar um mundo totalmente diferente, faz-se necessária uma revolução religiosa que não seja retrocesso a certa crença, nem avanço para certa realização, mas a libertação de todas as tradições, dogmas, símbolos, crenças, a fim de que cada um seja um verdadeiro indivíduo, livre para descobrir, para investigar o imensurável.

Pergunta: A mente ocidental é exercitada para a contemplação do objeto; a mente oriental para a meditação sobre o sujeito. A primeira conduz à ação, a outra à inação. Só pela integração dessas duas direções do percebimento, no indivíduo, poderá surgir uma compreensão total da vida. Qual a chave dessa integração?

Krishnamurti: Porque separamos um ente humano, dizendo-o do Ocidente ou do Oriente? Não há uma maneira toda diferente de se considerar este problema, a qual não consista em mera tentativa de integrar a ação com a meditação? Considero tal integração uma impossibilidade. Talvez haja uma maneira diferente de nos abeirarmos deste problema, em lugar dessa tentativa de integrar a ação com um estado de espírito desprendido, que só observa, contempla. Dividimos a vida em ação e inação, e agora

buscamos a integração. Mas, se não nos dividirmos a nenhum respeito, se pudermos eliminar do nosso pensar essa ideia de Oriente em oposição à de Ocidente, para considerarmos o problema de modo diverso, então, buscando a realidade, a mente se torna criadora, e, no percebimento mesmo daquilo que é real, há ação, que é contemplação; não há divisão alguma. Para a mentalidade ocidental, o Oriente, com seu misticismo, seus absurdos, é estranho. No Ocidente, devido ao clima frio, às várias formas de revolução industrial etc., o indivíduo tem de ser ativo, e tratar de ter muitas roupas. No Oriente, onde o clima é cálido e se necessita de muito pouca roupa, o indivíduo tem tempo, lazeres; e, lá, há também a velha tradição de que se tem de renunciar à sociedade para se achar o real.

Aqui viveis completamente interessados em reformas, melhores condições, uma vida melhor. Como podem integrar-se estas duas mentalidades? As duas maneiras de proceder podem ser falsas, e têm de sê-lo, sem dúvida, quando se dá exagerada importância a uma e se despreza a outra. Mas, se tentarmos achar a realidade, sem a buscarmos como um grupo de cristãos, mas como indivíduos independentes de qualquer autoridade, então essa própria busca é criadora, e essa capacidade criadora produz sua ação própria. Se não buscarmos essa liberdade religiosa, todas as reformas só poderão levar-nos a piores infortúnios, como se está vendo em toda parte. Pode-se ter paz pelo terror; mas haverá guerras interiores de todos contra todos, competição, crueldade, a busca do poder, pelo grupo ou pelo indivíduo. Só os que são religiosos, no sentido mais profundo desta palavra, os que se emanciparam de toda e qualquer autoridade espiritual, que não pertencem a nenhuma igreja, nenhum grupo, não se deixaram identifi-

car com nenhuma doutrina particular, que estão perenemente buscando, indagando, sem nunca acumularem experiência alguma, só esses indivíduos são verdadeiramente criadores. Sua mente é a única mente religiosa e, portanto, revolucionária; e ela atuará sem se separar como mente contemplativa ou mente ativa, porque tal indivíduo é um ente completo, total.

Pergunta: Tenho medo da morte. Vivi uma vida de muita riqueza e plenitude, intelectual, artística e emocionalmente. Agora, que já vou aproximando do fim, toda essa satisfação acabou e nada mais me resta senão as crenças religiosas de minha meninice - purgatório, inferno etc. - que me enchem de pavor. Podeis renovar-me a confiança?

Krishnamurti: Parece que a próxima pergunta se relaciona também com a morte; portanto, vou lê-la também.

Pergunta: Sou jovem, e até há poucas semanas gozava perfeita saúde. Um acidente causou-me uma lesão mortal, e os médicos só me dão poucos meses de vida. Porque haveria de acontecer-me isso, e como irei enfrentar a morte?

Krishnamurti: Acho que em geral nós, jovens e velhos, temos medo da morte. O homem que deseja concluir a sua obra tem medo da morte, visto que aspira a chegar a um resultado. O homem que está fazendo uma carreira triunfante não deseja ser interceptado no meio dela e, portanto, teme a morte. O homem que viveu plenamente, com todas as riquezas deste mundo, também teme a morte. Assim sendo, que devemos fazer?

Vede, nós nunca fazemos perguntas fundamentais. O homem que viveu com riqueza, com plenitude, nunca fez tal pergunta. Aquela vida exuberante e plena foi muito superficial, porque, debaixo, muito profundas, jazem todas as tradições do cristianismo, do hinduísmo etc., ocultas, dormentes; e quando sua vida já não pode ser vivida com riqueza, com plenitude, os sedimentos do passado sobem à superfície e ele fica com medo do purgatório, ou inventa um céu que lhe seja satisfatório. Subsistem, pois, no inconsciente, os sedimentos de nossa cultura, de nossos temores raciais etc. E enquanto estamos ativos, com o espírito lúcido, cheios de saúde, acho necessário investigarmos as profundezas do nosso ser, a fim de descobrirmos e erradicarmos todos aqueles depósitos, aqueles sedimentos de tradição, de temor, de modo que, quando a morte se apresentar, sejamos capazes de enfrentá-la. E isso significa, realmente, que devemos ser capazes de fazer uma pergunta fundamental, agora, não nos deixando satisfazer com respostas superficiais. Há pessoas que creem na reencarnação; dizem que viverão uma vida futura, que há continuidade, que não há aniquilamento, e nessa crença se sentem felizes. Mas o problema não ficou resolvido, porque elas se estão satisfazendo, meramente, com palavras, com ex-

plicações. Ou, se sois muito intelectuais, dizeis: "A morte é inevitável, faz parte da existência. Já que nasci, tenho de morrer. Porque fazer disso um problema?" Também estes não resolveram o problema.

Os mais de nós temos medo, mas encobrimos o nosso medo com crenças, com explicações, com racionalização. E temos o homem que diz: "Sou jovem ainda, e porque hei de ser ceifado? Quero viver, conhecer as riquezas da vida. Porque haveria de acontecer-me isso, a mim?" Quando alguém diz: "Porque haveria de acontecer-me isso, a mim?", isto significa, evidentemente: "Não devia acontecer a mim, mas a vós". Interessa, pois, a todos nós este problema. Podemos investigá-lo? Estais dispostos a experimentar o que estou dizendo? Não meramente escutá-lo, mas experimentá-lo deveras, seguindo a descrição e aplicando-a a vós mesmos? A descrição é apenas a porta através da qual tendes de olhar. Se não olhais a descrição, a porta terá muito pouco valor. Nós vamos, pois, olhar para descobrirmos por nós mesmos a verdade relativa a este problema; mas não buscando explicações, substituindo a crença hinduísta na reencarnação pela crença cristã no céu etc.

O fato é que há a morte; o organismo finda. E o fato é que pode haver e pode não haver continuidade. Mas eu desejo saber agora, enquanto tenho saúde, vitalidade, energia, desejo saber o que é viver com plenitude; e desejo saber, também agora, o que significa morrer, sem esperar que um acidente ou uma doença me leve deste mundo. Desejo saber o que significa morrer, desejo entrar vivo na mansão da morte. Desejo, não teoricamente, mas realmente, experimentar essa coisa extraordinária que ela deve ser, penetrar no desconhecido, cortando todos os vínculos do conhecido. Não

tornar a encontrar o "conhecido", não tornar a encontrar um amigo, lá, "do outro lado", isto é que me aterra. Tenho medo de largar tudo o que me é conhecido - a família, a virtude que cultivei, a propriedade, a posição, o poder, o pesar, a alegria, todas as coisas que acumulei e que constituem o "conhecido". Tenho medo de deixar tudo isso escapar, para sempre, das profundezas do meu ser, e de me ver em presença do desconhecido - a morte. Posso eu, que sou um resultado do conhecido, procurar sem me mudar para algo também conhecido, mas ingressando em algo que não conheço, algo nunca dantes experimentado? Têm-se escrito livros sobre a morte, várias, religiões têm doutrinado a respeito dela; mas isso são só descrições, são só coisas conhecidas. A morte, decerto, é o desconhecido, assim como a verdade é o desconhecido. Ea mente que está pejada do conhecido nunca poderá entrar no reino do desconhecido.

A questão, por conseguinte, é esta: se posso deitar fora todo o conhecido. Não posso fazê-lo pela vontade. Tende a bondade de prestar atenção a isto. Não posso lançar fora o conhecido, pela vontade, pela volição. Porque isso supõe um produtor da vontade, uma entidade que diz: "Isto é bom, e isto é mau", "Isto eu quero, e isto eu não quero". A mente está então atuando com base no conhecido, não é exato? Diz ela: "Preciso entrar naquele estado extraordinário que é a morte, o incognoscível, e portanto devo abandonar o conhecido". Essa pessoa se põe então a rebuscar nos vários recantos da sua mente, a fim de expulsar o conhecido. Esta ação permite a subsistência da entidade que deliberadamente expulsa o conhecido. Mas, já que essa própria entidade resulta do conhecido, nunca terá a possibilidade de experimentar aquele estado extraordinário, ou de nele ingres-

sar. Não é claro isto? Isto é, que, se há "experimentador", esse experimentador é resultado do conhecido; e esse experimentador deseja compreender aquilo que se não conhece, o desconhecido. Quaisquer esforços que ele desenvolva nesse sentido, a sua "experiência" estará sempre dentro da esfera do conhecido.

O problema, pois, é: pode o experimentador deixar de existir completamente? Porque ele é o agente, o estímulo, a busca, a entidade que diz: "Isto é o conhecido e eu tenho de passar ao desconhecido". E, sem dúvida, toda ação, todo movimento da parte do observador, do experimentador, está sempre na esfera do conhecido. Nessas condições, pode a mente, que é resultado do conhecido, resultado do tempo, pode essa mente entrar no desconhecido? Não pode, por certo. Está visto, pois, que toda explicação, toda crença a respeito da morte, origina-se sempre do conhecido. Assim sendo, posso eu, pode a minha mente, desnudar-se, de todo, do conhecido? Não há resposta. Isso depende de vós. Vós tendes de descobrir, tendes de investigar, aprofundar o problema. As perguntas fundamentais não se respondem com "sim" ou "não". Tendes de levantar a questão fundamental, e esperar que ela se desdobre por si mesma. E ela não poderá desdobrar-se por si se estais meramente em busca de uma resposta, uma explicação. Esta é uma questão básica: posso eu, que sou o resultado do conhecido, penetrar no desconhecido, que é a morte? Se desejo fazê-lo, tenho de fazê-lo enquanto estou vivo, e não no último momento. No último instante, a mente já não é capaz de observar, de compreender; ela está enferma, cansada, exausta, e a consciência muito enfraquecida. Mas, enquanto estamos cheios de energia, plenamente conscientes, vigilantes, lúcidos, não pode-

mos então investigar, descobrir? "Entrar em vida na mansão da morte", isto não é uma idéia mórbida; é a única solução. Enquanto estamos vivendo uma vida de riqueza, de plenitude - o que quer que isso signifique - ou uma vida desditosa, uma vida pobre, não temos a possibilidade de conhecer aquilo que é imensurável e que o experimentador só pode entrever em raras ocasiões?

Podemos, então, vós e eu, desvencilhar-nos do conhecido? Compreendeis a profundeza do problema? A mente se apega a toda experiência aprazível, e deseja evitar as não aprazíveis. Esta acumulação do que é aprazível é o conhecido; e a fuga ao não aprazível é igualmente o conhecido. Pode a mente morrer, momento por momento, para tudo o que experimentou, e nunca acumular? Porque, se há acumulação, temos, nesse caso, o experimentador, que só observa as coisas baseado nessa acumulação; essa acumulação é o próprio experimentador; este, por conseguinte, nunca poderá conhecer o que se acha além do conhecido. Acho da maior importância que cada um de nós compreenda isso profundamente, porque, então, nem o saber, nem a disciplina, a crença, o dogma, nem o seguir instrutores e gurus etc., tem mais significação alguma. Porque as disciplinas, os métodos, são o conhecido: coisas que se têm de praticar, e alvos que se têm de atingir. Podemos perceber isso, na sua totalidade, dar-lhe toda a nossa atenção? Não visando a alcançarmos o desconhecido, porque tal atenção é mera exclusão, uma forma de avidez. Podemos perceber que, enquanto há qualquer movimento da mente, esse movimento procede do tempo, do conhecido, e que tal movimento em direção ao desconhecido nunca penetrará esta esfera de liberdade? Se podemos perceber isso, então a mente, divi-

sando a verdade relativa à questão, se torna de todo imóvel. Já não está buscando, indagando, esquadrinhando, pois compreende que toda busca, toda indagação, procede do conhecido. Só com a tranquilidade total da mente é que é possível vir à existência o desconhecido.

Quarta Conferência em Londres

(24 de junho de 1955)

Um dos mais difíceis problemas parece ser a questão de como operar uma transformação fundamental em nós mesmos. Pensamos, muitas vezes, que a transformação do indivíduo não importa e que devemos, antes, interessar-nos pela "massa", pelo todo. Acho completamente errônea essa ideia. Eu penso que a transformação deve começar pelo indivíduo - se tal entidade existe, "o indivíduo". Há necessidade de uma transformação essencial em vós e em mim. A modificação consciente, como se pode ver, não constitui transformação. O processo deliberado de automelhoramento, o cultivo deliberado de determinado padrão ou forma de ação, não produz a transformação real, porquanto tal modificação será mera projeção do nosso próprio desejo, nosso próprio fundo - uma reação. Todavia, quase todos temos muito interesse nesta questão da transformação, visto que estamos andando às cegas, estamos confusos. E aqueles que refletem seria-

mente deviam investigar a fundo esta questão de como promover a transformação de si próprios.

A dificuldade, ao que me parece, está em compreender o fato de que qualquer espécie de modificação, feita numa mente condicionada, só pode produzir um condicionamento diferente, e não uma transformação. Se eu, como hinduísta ou como cristão, procuro modificar-me dentro desse padrão, não se efetua nenhuma transformação real, e, sim, apenas um condicionamento talvez melhor, mais conveniente, mais adequado; mas fundamentalmente, não há transformação. A meu ver, um dos piores obstáculos que estamos enfrentando é esta ideia de que podemos transformar-nos dentro do padrão. Mas, sem dúvida, quando uma mente condicionada pela sociedade, por uma dada cultura, produz, conscientemente, alguma modificação dentro do padrão, tal modificação é ainda um processo de condicionamento. Bem esclarecido isso, acho que então a nossa investigação, visante a descobrir o que é transformação e como será possível produzir uma mudança radical em nós mesmos, torna-se altamente interessante, uma questão vital. Porque a cultura, isto é, a sociedade que nos rodeia, pode criar uma "religião", porém, nunca produzirá um homem religioso.

Agora, se posso desviar-me um pouco do assunto, interessa observar a forte reação que geralmente nos desperta a palavra "religião". Uns gostam dela, e a simples palavra lhes dá um sentimento de satisfação emocional; outros a repelem. Mas considero importante descobrir como escutar corretamente as palavras. Como é que escutamos? Vós ouvis a palavra "religião", e gostais ou não gostais desta palavra. Esta própria palavra atua

como uma barreira à compreensão mais ampla, à ulterior investigação, por causa de nossa reação à palavra.

Mas pode-se escutar sem tal reação? Porque, se sabemos escutar sem reação, sem que nossos preconceitos, nossas peculiaridades, idiossincrasias, crenças, nos fechem o caminho, poderemos então, parece-me, ir muito longe. Dificílimo é, porém, desembaraçar-nos de nossos preconceitos, para darmos atenção completa a algo que se está dizendo. A atenção se torna estreita, exclusivista, quando meramente concentrada numa determinada ideia. Os mais de nós temos ideias, certos preconceitos, e, enquanto pensarmos segundo esta norma, podemos prestar "atenção", como o chamamos, mas, na realidade, essa atenção é uma forma de exclusão, que absolutamente não é atenção. O que desejo fazer-vos notar é que, para escutarmos realmente, devemos estar cônscios de nossos próprios preconceitos, nossas próprias reações emocionais e neurológicas a uma determinada palavra, como sejam "Deus", "religião", "amor", etc., para nos desembaraçarmos de tais reações. Se soubermos escutar dessa maneira, escutar atentamente, sem estarmos à procura de uma dada ideia que confira com a nossa própria ideia, ou lhe seja contrária, acho que então estas palestras poderão ser frutuosas.

Como dizia, a cultura pode produzir religiões, mas não um homem religioso. E, em meu sentir, só um homem religioso é capaz de operar uma radical transformação dentro de si mesmo. Toda mudança, toda alteração, feita na mente condicionada por uma dada cultura, não constitui uma transformação real, e, sim, tão só a continuação da mesma coisa com modificações. Isso me parece bastante óbvio, se refletimos a seu respeito -

isto é, que enquanto eu tiver o padrão hinduísta, cristão, budista, etc., qualquer mudança que eu opere dentro desse padrão representará uma mudança consciente, que faz parte, ainda, do padrão, não sendo, por conseguinte, transformação nenhuma. Surge aí a questão: posso operar a transformação por meio do inconsciente? Quer dizer: ou começo, conscientemente, a alterar o padrão do meu viver, minhas normas de pensar, a suprimir conscientemente os meus preconceitos - o que, tudo isso, constitui um processo deliberado de esforço, visando a certo objetivo, certo ideal; ou procuro operar a modificação, esquadrinhando o inconsciente. Indubitavelmente esses dois métodos envolvem o problema do esforço. Vejo que preciso transformar-me - por várias razões, por "motivos" vários - e, conscientemente, começo a trabalhar neste sentido. Percebendo então - se reflito a respeito da coisa - que não se realiza uma verdadeira transformação, ponho-me a esquadrinhar o inconsciente, a penetrar-lhe as profundezas, na esperança de que, por vários métodos de análise, me seja possível operar uma mudança, uma modificação, ou um ajustamento mais profundo.

E, agora, pergunto a mim mesmo se esse esforço consciente e inconsciente para me transformar produz de fato transformação. Ou será necessário ultrapassar, tanto o consciente como o inconsciente, para que possa produzir-se uma mudança radical? Como sabeis, tanto o desejo consciente como o impulso inconsciente, para modificar, implicam esforço. Se examinardes muito profundamente esta questão, vereis que, ao desejarmos transformar-nos, há sempre aquele que faz o esforço e, também, aquilo que é estático - a coisa sobre a qual o esforço se exerce. Assim, nesse processo de se desejar operar modificação - consciente ou inconscientemente

- há sempre pensador e pensamento: aquele que diz "Preciso transformar" e o estado que ele deseja transformar. Há, pois, dualidade; e estamos sempre, estamos perenemente procurando lançar uma ponte sobre esse vão por meio de esforço. Vejo que há em mim, no consciente e no inconsciente, a entidade que faz esforço, e aquilo que ela deseja modificar. Há uma divisão entre o que sou e o que desejo ser. Isto significa: divisão entre o pensador e o pensamento, e daí o conflito. E o pensador está sempre tentando vencer este conflito, consciente ou inconscientemente. Estamos bem familiarizados com esse "processo", pois é isso que estamos fazendo constantemente. Toda nossa estrutura social, nossa estrutura moral, nossos ajustamentos, etc., baseiam-se em tal "processo". Mas isso produz transformação? Se não produz, não deve então a transformação ser operada num nível completamente diferente, que não se acha nem no campo do consciente nem no campo do inconsciente? Sem dúvida, todo o campo mental - o consciente e o inconsciente - está condicionado pela nossa particular cultura. Isto é bastante óbvio. Enquanto eu for hinduísta, budista, cristão, etc., a própria cultura em que fui criado, educado, condiciona todo o meu ser. O meu ser total é tanto o consciente como o inconsciente. No campo do inconsciente se acham todas as tradições, o resíduo, assim o herdado como o adquirido, de todo o passado do homem, e eu estou tentando modificar-me no campo do consciente. Tal modificação só pode ser feita de acordo com meu condicionamento, e, por conseguinte, nunca produzirá liberdade. É bem óbvio, pois, que a transformação é uma coisa de todo independente da mente; ela deve estar num nível completamente diferente, numa diferente profundidade, numa altura diferente.

Como posso então transformar-me? Percebo, ou pelo menos entrevejo, a verdade de que uma mudança, uma transformação, deve começar num nível que a mente, como consciente ou inconsciente, não pode alcançar, visto que minha consciência, como um todo, está condicionada. Que devo então fazer? Espero que esteja fazendo claro o problema. Posso enunciá-lo de maneira diferente: pode a minha mente, tanto a consciente como a inconsciente, tornar-se livre da sociedade? - sendo sociedade a educação, a cultura, a norma, os valores, os padrões. Não sendo livre, qualquer modificação que ela tente efetuar dentro desse estado condicionado, é sempre limitada e, por conseguinte, não é transformação. Se percebo a verdade a esse respeito, que deve a mente fazer? Se digo que ela deve tornar-se quieta, então esse próprio "tornar-se quieta" faz parte do padrão, é produto do meu desejo de efetuar uma transformação num nível diferente.

Assim sendo, posso prestar atenção, sem ter motivo algum? Pode a minha mente existir sem nenhum incentivo, nenhum "motivo" para transformar-me ou não transformar-me? Porque todo motivo resulta da reação de uma determinada cultura, produto de um determinado fundo. Pode, então, a minha mente ficar livre da cultura sob cuja influência fui educado? Esta é, com efeito, uma questão muito importante. Porque, se a mente não está livre da cultura em que foi criada, nutrida, o indivíduo, sem dúvida, nunca estará em paz, nunca terá liberdade. Seus deuses e seus mitos, seus símbolos e todos os seus empreendimentos são limitados, porque pertencem ao campo da mente condicionada. Quaisquer esforços que faça, ou não, dentro deste tão limitado campo são, em verdade, fúteis, no sentido

mais profundo da palavra. Poderá haver melhor decoração da prisão - mais luz, mais ventilação, mais alimento -, mas é sempre a mesma prisão de uma determinada cultura. Pode, pois, a mente, tornando-se cônscia de sua totalidade, e não só das camadas superficiais ou de certas profundidades - pode a mente alcançar aquele estado em que a transformação não resulta de esforço consciente ou inconsciente? Se está clara esta questão, manifesta-se, então, a reação ao problema: como alcançar um tal estado? Ora, a própria pergunta "como?" é mais uma barreira. Porque o "como" implica a busca e a prática de certo sistema, certo método, os "passos" que se devem dar para se chegar àquela transformação.

Compreendeis? O "como" implica o desejo de alcançar, a ânsia de realizar; e esta própria tentativa de ser uma coisa deriva de nossa sociedade, que é aquisitiva, invejosa. E estamos, assim, de novo na armadilha. Nessas condições, que deve fazer a mente? Percebo a importância da transformação. E percebo que toda modificação, em qualquer nível da mente consciente ou inconsciente, não representa transformação nenhuma. Se compreendo realmente isso, se percebo a verdade respectiva - isto é, que enquanto existe entidade que faz esforço, o pensador, o "eu", que quer alcançar um resultado, tem de haver divisão e, portanto, o desejo de efetuar uma ligação, uma integração dos dois, o que torna inevitável o conflito. Se percebo tal verdade, que acontece?

Eis o problema: percebo que todo esforço que faço, dentro da esfera do pensar - a esfera tanto do consciente como do inconsciente - produz separação, dualidade, e por conseguinte conflito? Se percebo esta verdade, que acontece? Tenho eu então, tem a mente consciente ou a mente incons-

ciente, de fazer alguma coisa? Vede, por favor, que isto não é nenhuma filosofia oriental de inação, não significa entregar-se a certo "transe" misterioso. Pelo contrário, requer muita reflexão, penetração, investigação. Esse estado só pode ser atingido pela compreensão do consciente e do inconsciente, e não pelo dizermos, apenas: "Pois bem, não pensarei mais; e então acontecerão coisas". Não acontecerá coisa nenhuma. Daí a importância do autoconhecimento. Não o autoconhecimento de acordo com certo filósofo, certo psicanalista, grande ou pequeno, pois isto será mera imitação; é o mesmo que ler um livro e querer ser o livro; não é autoconhecimento. Autoconhecimento é o descobrir, de fato, em si mesmo, o processo do próprio pensar, do próprio sentir, dos próprios motivos e reações - o verdadeiro estado em que nos achamos, e não um estado desejado.

Eis porque muito importa tenhamos conhecimento de nós mesmos, como quer que sejamos: feios, bons, maus, belos, joviais - tudo o que somos; conhecimento de nosso condicionamento superficial e bem assim do condicionamento inconsciente, mais profundo, de séculos de tradição, de anseios, compulsões, imitações; compreensão, experiência direta da totalidade, pelo autoconhecimento. Acho que então se descobrirá que tanto a mente consciente como a inconsciente não mais farão movimento algum para realizar a transformação; mas ocorrerá uma mudança, ocorrerá uma transformação, num nível de todo diferente, a uma altura e uma profundidade inatingíveis pela mente consciente e pela mente inconsciente. A transformação tem de começar aí, e não no nível consciente ou inconsciente, oriundos de uma cultura. Por esta razão é muito importante estarmos livres da sociedade, mercê do autoconhecimento. Então, depois de ter ces-

sado todo esse processo de reconhecimento pela sociedade e quando a mente já não se preocupa com reformas, deve verificar-se uma transformação radical, inatingível pela mente consciente ou inconsciente; e, em virtude dessa transformação, será possível criar uma sociedade diferente, um Estado diferente. Mas esse Estado, essa sociedade, não podem ser preconcebidos - deverão surgir das profundezas do autodescobrimento.

Assim sendo, o que me parece importante é essa investigação do "eu", de "mim", para se conhecer o "eu" tal qual é, com suas ambições, invejas, exigências agressivas, falácias, divisão em "superior" e "inferior" - de tal maneira que não só seja revelada a mente consciente, mas também a inconsciente, o repositório da antiga tradição, dos séculos de depósitos de toda sorte de experiências. O conhecimento da totalidade do "eu" significa o seu fim. Então a mente, já que não mais está preocupada com a sociedade, com reconhecimento, com reformas, nem mesmo com a transformação de si própria, descobre que há uma mudança, uma transformação não proveniente de um esforço deliberado visante a um resultado.

Pergunta: Sou artista, e preocupa-me sumamente a técnica de pintar. É possível que esta própria preocupação constitua um obstáculo à genuína expressão criadora?

Krishnamurti: Eu quisera saber por que é que a maioria de nós, inclusive os artistas, tanto se preocupa a respeito de técnica. Todos pergunta-

mos "como?" - como poderei ser mais feliz, como poderei achar Deus, como poderei ser um artista melhor, como poderei fazer isto ou aquilo? Todos andamos cheios de cuidados a respeito do "como". Se sou violento, desejo saber como ser não violento. Por termos tanto interesse na técnica e como o mundo não nos oferece outra coisa, estamos presos nessa rede. Cultivamos a técnica, porque desejamos resultados. Quero ser um grande artista, grande engenheiro, grande músico, alcançar fama, notoriedade. Minha ambição me impele à busca do método. Pode um artista, ou qualquer ente humano, cultivando uma técnica, tornar-se um verdadeiro artista? Mas, se amamos a coisa que estamos fazendo, não somos então artistas? Entretanto, não compreendemos a significação desta palavra - amar. Posso amar uma coisa por ela própria, se sou ambicioso, se desejo tornar-me conhecido? Se desejo ser o melhor pintor, o melhor poeta, o maior dos santos, se estou em busca de um resultado, posso amar realmente uma coisa, por ela própria? Se sou invejoso, imitativo, se há medo, se há competição, posso amar aquilo que estou fazendo? Se amo uma coisa, posso então aprender a técnica - como misturar as tintas, etc. Mas, atualmente, não possuímos esse sentimento de verdadeiro amor por uma coisa. Estamos cheios de ambição, de inveja; desejamos ser "um sucesso". E, assim, estamos aprendendo técnicas eperdendo a coisa real - "perdendo", não, pois nunca a tivemos.

Por ora, a nossa mente só está aplicada em adquirir uma técnica que nos leve a alguma parte. Se amo o que estou fazendo, então, por certo, não há problema, não existe competição, não é exato? Estou fazendo o que gosto de fazer, e não porque isso me dará popularidade, pois tal coisa não

é importante para mim. O importante é amarmos totalmente o que estamos fazendo, e esse próprio amor será o nosso guia. Se o pai deseja que o filho siga nas suas pegadas, que se torne "alguma coisa", se os pais procuram preencher-se nos filhos, não há então amor, e, sim, mera autoprojeção. O próprio amor ao filho trará sua cultura própria, não achais? Mas, infelizmente, nós não pensamos em tal direção. E por isso temos este enorme problema e este espantoso desenvolvimento técnico.

Pergunta: Vejo-me inteiramente ocupado com os costumeiros cuidados, alegrias e tristezas da vida diária. Estou perfeitamente cônscio de que minha mente se acha ocupada exclusivamente com ações, reações, "motivos", mas sou incapaz de transcender essas coisas. Depois de ler os vossos livros e ouvir vossas palestras, vejo que existe outra maneira de viver, completamente diferente, mas não posso achar a chave que abrirá a porta do meu atravancado habitáculo, libertando-me. Que devo fazer?

Krishnamurti: Tenho minhas dúvidas sobre se estamos realmente cônscios daquilo com que a nossa mente está ocupada! Como diz o interrogante, a mente está ocupada apenas com coisas superficiais - o ganhar do sustento, os deveres paternais, etc. Mas sabemos o com que nossa mente está ocupada num nível mais profundo? Afora as ocupações cotidianas, sabemos com que está ocupada a nossa mente num nível diferente, no inconsciente? Ou a nossa mente consciente está tão ocupada durante o dia, a

todas as horas, que não sabemos com o que está ocupado o inconsciente? Sabemos com que estamos ocupados, além da rotina diária, da existência diária? Pelo geral, a nossa ocupação é com o processo diário do viver, e nossa preocupação é o saber como produzir uma alteração aí - um melhor ajustamento, mais felicidade, menos disto e mais daquilo. Conservar nossa superficial felicidade, repelir certos fatores que nos causam dor, evitar certas tensões e pressões, ajustar-nos a certas relações, etc. - eis toda a nossa ocupação.

Sendo assim, podemos deixar tal ocupação entregue a si mesma, isto é, deixá-la seguir o seu curso, na superfície, para investigarmos, nas profundezas da mente, o com que ela está ocupada, inconscientemente? Todos percebemos a necessidade de certo ajustamento, na superfície; mas temos algum interesse a respeito da ocupação mais profunda da mente? Sei, eu, e sabeis vós, com o que está ocupada a mente mais profunda? Ora, é preciso investigar isso, porque essa ocupação pode traduzir-se em ocupações e ajustamentos superficiais, com suas alegrias e tristezas, suas tribulações e provações. E, assim, se vós e eu não conhecemos as ocupações mais profundas da mente, uma simples alteração de superfície tem muito pouca significação. Não é certo que deve terminar toda ocupação superficial, se desejo achar "a outra coisa"? Se minha mente está ocupada a todas as horas com ajustamentos superficiais - endireitando o quadro que outro pôs torto, preocupada com assuntos domésticos, a respeito dos filhos, da esposa, do que a sociedade pensa, e não pensa, da opinião do vizinho - essa mente, já tão ocupada, é capaz de descobrir a ocupação mais profunda, de si mesma? Ou não é necessário que termine a ocupação superficial?

Isto é, podemos deixá-la prosseguir, ajustar-se, sem esforço, mas também investigar aquilo com que a mente está ocupada num nível mais profundo? Com o que está ela ocupada, num nível mais profundo? Eu o sei? Vós o sabeis? Ou apenas fazemos conjecturas a tal respeito? Ou pensamos que alguém no-lo pode dizer? É claro que não posso investigá-lo, a menos que não esteja totalmente ocupado com ajustamentos superficiais. Isto é, torna-se necessário nos desligarmos do superficial, para podermos investigar. Mas não ousamos desligar-nos, não ousamos soltar o que temos, porque não sabemos o que existe em baixo - temos-lhe medo, terror. E é por isso que os mais de nós estamos ocupados. Lá, muito fundo, pode encontrar-se uma completa solidão, um sentimento de profunda frustração, medo, torturante ambição - de que não estamos plenamente cônscios. Mas, se ficamos um pouquinho cônscios, ligeiramente vigilantes, assustamo-nos com o que vemos. E por isso nos preocupamos com o aspecto da sala, com os quadros, os abajures, os que entram e os que saem, os entretenimentos sociais; lemos livros, ouvimos rádio, aderimos a grupos - conheceis bem todo este triste negócio.

Tudo isso bem pode ser uma fuga ao problema mais profundo. E, para examinar este problema mais profundo, temos de abandonar a sala com todo o seu conteúdo. Infelizmente, queremos ficar na sala, e o descobrimento da "outra coisa" é algo que nunca nos permitimos experimentar. Não se trata de tentar alcançar o nível mais profundo. O tentar depende sempre do tempo. Se desejo investigar o problema mais profundo e percebo a necessidade de deixar as coisas superficiais, não há então "tentar". Eu não tento abrir uma porta e não me ponho conscientemente em movimento

para sair de casa. Sei que tenho de sair e saio - a porta lá está. Não se faz nenhuma "tentativa" para alcançar a porta; não se pensa em termos de "tentar". Compreensão e ação são simultâneas. Mas tal integração não é possível, se estamos interessados meramente no nível superficial.

Pergunta: Os sonhos têm um significado real? Que acontece durante o sono?

Krishnamurti: Seria bom examinarmos esta questão muito profundamente. Assim, se posso sugeri-lo, não fiqueis meramente escutando a descrição, mas experimentai realmente o que se vai dizer. Então talvez possamos penetrar juntos a significação de todo esse processo relativo ao dormir e sonhar. Durante o dia, nas horas de vigília, tão ocupados andamos com as nossas apreensões, nossas tribulações, nossas insignificantes alegrias, nosso emprego, nosso sustento, as modas passageiras, e tudo o mais, que nunca recebemos a menor comunicação, a menor sugestão das coisas mais profundas; a mente superficial está demasiado ocupada, ativa. E, assim, quando dormimos, começamos a sonhar; e vê-se que os sonhos assumem várias formas, vários símbolos, que encerram as comunicações, as sugestões. E, então, reconhecendo que esses sonhos têm certa significação, buscamos interpretações, a fim de os traduzirmos para a nossa vida cotidiana. Consequentemente, o intérprete se torna muito importante, e a pouco e pouco começamos a depender de outros, psicologicamente. Ou,

também, nós mesmos interpretamos de acordo com nossos gostos e aversões; e, assim, mais uma vez, estamos apanhados na rede.

É possível não sonhar nada? Os psicólogos especialistas dizem que é impossível, que, embora possamos não lembrar, há sempre um "processo" de sonho em andamento. Mas podemos, vós e eu, receber as mensagens, as sugestões, nas horas de vigília, durante o dia, com nossa mente desperta ou pelo menos supostamente desperta? Isto é, pode a mente não deixar passar um só pensamento sem tomar conhecimento de todo o seu conteúdo? O que não significa que devo estar tão concentrado que não deixe escapar um só pensamento; não se pode estar assim tão concentrado. O pensamento sempre nos foge; mas haverá outros pensamentos. Destarte, podemos entreter-nos com um pensamento - emprego propositadamente a palavra "entreter-nos" - e descobrir-lhe todo o conteúdo - o motivo, a reação, e a ulterior reação de tal motivo? Isso significa não encarar o pensamento com condenação, justificação, comparação, avaliação, e, sim, simplesmente observá-lo, ao surgir.

Podemos observar cada pensamento que desfila, de modo que a mente se torne cônscia das profundezas de cada pensamento e comece a depurar-se de todo o conteúdo de seus próprios pensamentos? (Aliás, não há muitos pensamentos). E, depois de observar o pensamento, de acompanhar o pensamento, pode a mente provocar pensamentos, de modo que todos os pensamentos que jazem ocultos, acumulados na escuridade, possam ser trazidos à luz, examinados, observados, penetrados - também sem condenação, sem avaliação, simplesmente observados, para tomarmos conhecimento de toda sua significação? Não estou expondo um método. Tende a

bondade de não traduzir isto como um método de esvaziar a mente para não sonhar. Porque todos os sonhos, como dissemos, são simples sugestões que se tornarão desnecessárias se, enquanto a consciência está desperta, estivermos muito vigilantes, muito "vivos" e lúcidos, para percebermos as coisas interiores. E, então, que acontece ao adormecermos? Como a mente consciente pôs a descoberto, durante o dia, todas as sugestões e avisos inconscientes, ela se tornou fatigada e quieta; e, assim, não há mais contradição, não há mais conflito entre o consciente e o inconsciente - há tranquilidade. A mente pode então passar além, alcançar algo inatingível pela mente consciente e inconsciente. Não sei se já alguma vez experimentastes isto, ainda que só por divertimento, não visando a algum resultado ou a encontrar um estado de consciência nunca tocado nem corrompido por nenhum ente humano; porque, nesse caso, a coisa se torna uma barganha, um negócio. Mas, se se puder realmente, sem "motivo" algum, fazer tal descobrimento, o sono terá um alto significado. O que estou dizendo não tem relação nenhuma com o "plano astral" e outras coisas que tais, imaginações e peculiaridades de nosso peculiar condicionamento; tudo isso, é claro, tem de desaparecer. Tudo o que se adquiriu, tudo o que se aprendeu, tem de desaparecer totalmente. Só então é possível, durante esse estado que chamamos "sono", acontecer uma coisa que a mente, em circunstância alguma, pode perceber; e, ao despertar, a mente ter-se-á renovado. Brota uma fonte não produzida pelas nossas ambições, invejas, desejos e atividades.

Considero sumamente importante compreender tudo isso. E, para o compreender, necessita-se de autoconhecimento - o conhecimento de

como a mente funciona durante o dia, dos seus "motivos", suas ações e reações -, de modo que, no fim do dia, a mente consciente se torne muito quieta. Então, tendo sido compreendida a contradição entre o consciente e o inconsciente, a mente está muito tranquila - não foi posta tranquila. A mente que é posta tranquila é uma mente morta, uma mente corrompida. Mas a mente que está tranquila em virtude da compreensão, a mente que chegou ao estado de tranquilidade graças ao autoconhecimento - essa poderá, talvez, no sono, alcançar algo, ou, melhor, poderá ser alcançada por algo que ela própria não pode buscar. Então, acho eu, tal sono tem significação nas horas de vigília. Mas isso requer muita investigação nas profundezas, sem nos apegarmos a nada daquilo que descobrimos. Porque, quando estamos amarrados ao nosso próprio saber ou ao saber de outros, não podemos ir muito longe. É necessário o morrer para todas as coisas que acumulamos, para cada experiência com que nos deleitamos ou que rejeitamos. É só então que algo que se acha além da mente poderá atingi-la.

Quinta Conferência em Londres

(25 de junho de 1955)

Um dos nossos numerosos problemas parece ser o da dependência, esta nossa dependência de pessoas para nossa felicidade, dependência de capacidade, a dependência que nos obriga a ficar apegados a alguma coisa. E a questão é: pode a mente, em algum tempo, estar totalmente livre de toda dependência? Considero esta uma das perguntas fundamentais que deveríamos fazer a nós mesmos constantemente. Naturalmente, não estamos falando da dependência superficial, mas, no nível mais profundo, encontra-se aquela dependência psicológica, de certa segurança, de certo método que garanta à mente um estado de permanência; há a busca de uma ideia, de uma relação que seja duradoura. E sendo este um dos nossos principais problemas, parece-me muito importante que o examinemos com certa profundeza, pois não devemos "responder" superficialmente com uma reação imediata.

Porque é que dependemos? Psicologicamente, interiormente, dependemos de uma crença, um sistema, uma filosofia; pedimos a outro uma norma de conduta; procuramos instrutores, em busca de uma maneira de vida que nos propicie certa esperança, certa felicidade. Assim, estamos sempre - não é verdade? - procurando alguma espécie de dependência, de segurança. Tem a mente possibilidade de libertar-se dessa ideia de dependência? Com isso não quero dizer que a mente deva conquistar a independência, o que só seria uma reação à dependência. Não estamos falando de independência, libertação de certo estado. Se pudermos investigar, sem a reação de buscar libertar-nos de certo estado de dependência, poderemos penetrar muito mais profundamente na questão da dependência. Mas se, na nossa investigação, saímos por uma tangente, buscando a independência, nunca compreenderemos integralmente esta questão da dependência psicológica. Sabemos que dependemos: das nossas relações com pessoas, de certa ideia, ou de um sistema de pensamento. Por quê? Aceitamos a necessidade de dependência. Dizemo-la inevitável. Nunca pusemos em questão este ponto, nunca indagamos porque cada um de nós anda em busca de alguma espécie de dependência.

A causa não é que, na realidade, e muito profundamente, sentimos necessidade de segurança, permanência? Vendo-nos num estado de confusão, desejamos que algo nos salve dessa confusão. Estamos, pois, sempre interessados em fugir ou evitar o estado em que nos achamos. No processo de evitar esse estado, temos de criar, forçosamente, alguma espécie de dependência, a qual se torna nossa autoridade. Se dependemos de outrem para nossa segurança, nosso bem estar interior, dessa dependência resul-

tam inumeráveis problemas; e tentamos então resolver esses problemas, que são problemas criados pelo apego. Mas nunca inquirimos, nunca examinamos o próprio problema da dependência. Talvez, se pudermos examinar este problema de maneira verdadeiramente inteligente, com plena atenção, talvez então possamos descobrir que não é, em absoluto, a dependência que constitui o problema, que ela é apenas um modo de fugirmos a um fato mais profundo.

Peço licença para sugerir, àqueles que estão tomando notas, que se abstenham disso. Porque estas reuniões não serão proveitosas se o que queremos é meramente lembrar-nos, depois, do que se esteve dizendo. Mas, se pudermos experimentar diretamente o que se está dizendo, agora, e não depois, isso terá um significado positivo, será uma experiência direta, e não uma experiência recolhida, mais tarde, das vossas notas, e pensada de memória. Além disso, se posso observá-lo, o tomar notas perturba os que estão perto de vós.

Como dizia, porque dependemos e fazemos da dependência um problema? Na verdade, penso, o problema não é a dependência; a meu ver, há outro fator mais profundo, que nos faz depender. E, se pudermos descobrir esse fator, então a dependência e a luta pela libertação se tornam muito pouco significativas; então, todos os problemas que surgirem em razão da dependência reduzir-se-ão a nada.

Qual é, pois, esse fator mais profundo? É a mente detestar e temer a ideia de estar só? E conhece a mente esse estado que está evitando? Dependo de alguém, psicologicamente, interiormente, por causa de um estado que estou tentando evitar, mas que nunca investiguei, nunca examinei.

Por isso, a minha dependência de uma pessoa - de quem desejo amor, estímulo, orientação - se torna imensamente importante, como todos os problemas dela decorrentes. Mas, se sou capaz de perceber o fator que é o meu depender de uma pessoa, de Deus, da oração, de certa capacidade, certa fórmula ou conclusão que chamo "crença", talvez então eu possa descobrir que tal dependência resulta de uma exigência interior a que, em verdade, nunca prestei atenção, nem levei em conta.

Podemos, nesta tarde, dar atenção a este fator, o fator que a mente evita o sentimento de completa solidão, que só conhecemos superficialmente? Que é "estar solitário"? Podemos examinar isso agora, sem o perdermos de vista um só instante, sem introduzirmos nenhum outro problema? Considero, com efeito, esta questão sumamente importante, porque, enquanto aquela solidão não for realmente compreendida, sentida, penetrada, dissolvida - ou qualquer outra palavra que preferirdes -, enquanto persistir este sentimento de solidão, será inevitável a dependência, nunca seremos livres, nunca poderemos descobrir por nós mesmos o que é verdadeiro, o que é religião. Enquanto estou dependendo tem de haver alguma autoridade, tem de haver imitação, tem de haver compulsão sob diferentes formas, tem de haver disciplinamento segundo certo padrão. Pode, pois, a mente descobrir o que é "estar na solidão", e passar além, de modo que seja posta em liberdade e não dependa mais das crenças, dos deuses, dos sistemas, das orações, nem de coisa alguma?

Não há dúvida de que, enquanto estamos buscando um resultado, um fim, um ideal, essa própria ânsia de achar cria dependência, de que resultam os problemas da inveja, da "exclusão", do isolamento, e tudo o mais.

Nessas condições, pode a minha mente conhecer a solidão em que de fato se encontra, embora eu a esteja encobrindo com o saber, relações, e várias outras formas de distração? Posso compreender efetivamente essa solidão? Porque não é este um dos nossos maiores problemas, este apego e a luta para nos desapegarmos? Podemos examinar juntos este problema, ou isto é completamente impossível? Enquanto há apego, dependência, tem de haver "exclusão" (separação). A dependência da nacionalidade, a identificação com determinado grupo, determinada raça, determinada pessoa ou crença, é evidentemente um fator de separação. Assim, é provável que a mente esteja sempre, como entidade separada, buscando isolamento e evitando um fator mais profundo, que realmente é separativo: o processo egocêntrico de seu próprio pensar, gerador de solidão.

Vós conheceis o sentimento de que devemos identificar-nos como hinduístas, cristãos, como pertencentes a certa casta, grupo, raça, tudo isso é bem sabido de vós. Se pudermos, cada um de nós, compreender o problema mais profundo, o problema implícito, talvez então termine toda influência geradora de dependência, e a mente fique de todo livre. Este problema é talvez tão difícil que não possa ser discutido num tão grande grupo.

Ouvinte: Podeis definir a palavra "só", em contraste com "solidão"?

Krishnamurti: Por favor, nós não estamos, com certeza, buscando definições, estamos? Estamos perguntando se cada um de nós está cônscio de sua solidão - não agora, talvez -, mas nós conhecemos esse estado e sa-

bemos que estamos fugindo dele por vários meios, e, consequentemente, multiplicando os nossos problemas. Ora, posso eu, pelo percebimento, "queimar" a raiz do problema, de modo que ele nunca mais torne a surgir ou, se tornar, eu saiba resolvê-lo sem criar novos problemas?

Ouvinte: Significa isso que devemos quebrar os laços que são insatisfatórios?

Krishnamurti: Ora, não é isto que estamos discutindo, é? Parece que não nos estamos entendendo bem. É por isso que estou incerto quanto à possibilidade de discutirmos este problema num grupo tão grande. Nós sabemos - não é verdade? - que estamos apegados. Dependemos de pessoas, de ideias. Faz parte da natureza do nosso ser o depender de alguém. E a essa dependência chamamos amor. Agora, pergunto a mim próprio, e talvez pergunteis também a vós mesmos, se é possível libertar a mente, psicologicamente, interiormente, de toda dependência, pois percebo que, por causa da dependência, surgem problemas e mais problemas, um nunca acabar de problemas. Por essa razão, pergunto a mim mesmo se é possível ficarmos num estado de percebimento tal que esse próprio percebimento faça consumir-se o sentimento de dependência, de outrem ou de uma ideia, de modo que a mente, com o total desaparecimento da dependência, não mais se veja isolada.

Por exemplo: eu dependo da identificação com um dado grupo; satisfaz-me intitular-me hinduísta ou cristão; pertencer a uma dada nacionalidade é muito satisfatório. Eu mesmo, interiormente, sinto-me muito insig-

nificante. Não sou ninguém, e, assim, se posso chamar-me "alguém", sinto satisfação. Esta é uma forma de dependência, num nível muito superficial, talvez, mas que gera o veneno do nacionalismo. E há muitas outras formas, mais profundas. Pois bem, posso transcender tudo isso, de modo que minha mente nunca mais dependa, psicologicamente, não tenha dependência de espécie alguma e não busque nenhuma forma de segurança? Ela não buscará a segurança se compreendo esse senso de "exclusão", de que estou cônscio, e a que chamo "solidão" - esse processo egocêntrico de pensar, que gera o isolamento.

O problema, pois, não é de como nos tornarmos desapegados, de como libertar-nos de pessoas ou ideias, mas, sim: pode a mente deter esse processo em que ela se fecha a si mesma por meio de suas próprias atividades, suas próprias exigências, seus anseios? Enquanto houver a ideia de "mim", "eu", tem de haver solidão. Atingimos a própria essência do processo de autoenclausuramento quando descobrimos esse extraordinário sentimento de solidão. Posso "queimar" tal processo, de modo que a mente nunca mais busque nenhuma forma de segurança, e não tenha mais exigências? Isso não pode ser respondido por mim, mas por cada um de vós. O que posso fazer é só descrever; mas a descrição se torna simplesmente um obstáculo se não for realmente experimentada. Mas, se esta descrição vos revela o processo do vosso pensar, então ela própria é um percebimento de vosso próprio estado. E, nesse caso, posso permanecer nesse estado? Posso deixar de movimentar-me para longe do fato da solidão, e permanecer "lá", sem fugir de maneira nenhuma, sem evitá-la nunca? Ao perceber, compreender que o problema não é a dependência, mas a solidão, pode a

minha mente permanecer imóvel nesse estado a que chama "solidão"? Isto é dificílimo, porque a mente nunca pode "ficar" com um fato; ela sempre o traduz, ou o interpreta, ou faz alguma coisa com relação ao fato; nunca "fica" com o fato.

Se a mente puder permanecer com o fato, sem dar nenhuma opinião a respeito dele, sem traduzi-lo, sem condená-lo, sem evitá-lo, é o fato então diferente da mente? Existe separação entre o fato e a mente, ou a própria mente é o fato? Por exemplo, eu estou solitário. Estou cônscio disso, sei o que significa: é um dos problemas de nossa existência diária, de toda a nossa existência. E quero estudar, por mim mesmo, esta questão da dependência, para ver se a mente pode ficar livre, não apenas especulativa, teórica, ou filosoficamente, mas livre, efetivamente, da dependência. Porque, se meu amor depende de outra pessoa, não tenho amor. E desejo descobrir que estado é esse a que chamamos "amor". Ao tentar descobri-lo, é possível que desapareça completamente a disposição para a dependência, para a segurança, nas relações, que desapareça toda exigência, todo desejo de permanência; e posso então ver-me em presença de um fato completamente diferente. E, assim, pelo investigar, pelo examinar a mim mesmo, posso chegar àquela coisa a que chamo "solidão". Agora, posso "ficar" com ela? Com "ficar", quero dizer: não interpretá-la, não avaliá-la, não condená-la, mas só observar o estado de solidão, sem nenhum movimento de recuo. E se minha mente é capaz de "ficar" com esse estado, esse estado é então diferente da minha mente? É possível que a minha mente esteja, ela própria, solitária, vazia, e que não haja um estado de vazio, que a mente observa. Minha mente observa a solidão, e a evita, foge dela. Mas, se não fujo à so-

lidão, há então divisão, há separação, há um observador que observa a solidão? Ou só há um estado de solidão - a minha mente vazia, solitária, e não um observador que sabe que há solidão? Acho importante compreender isso, rapidamente, sem muita "verbalização". Digo, agora: "Sou invejoso e quero livrar-me da inveja" - temos assim um observador e uma coisa observada; o observador quer livrar-se daquilo a que observa. Mas o observador não é a mesma coisa que aquilo que está sendo observado? Foi a própria mente que criou a inveja, e portanto a mente nada pode fazer com relação a inveja. A minha mente, pois, observa a solidão; o pensador está cônscio de achar-se solitário. Mas, se ele "ficar com isso", em pleno contato com "isso" - quer dizer, não fugir da coisa, não a traduzir, etc. -, há então alguma diferença entre o observador e aquilo que está sendo observado? Ou só há um estado único, que é: a própria mente está solitária, vazia? Isto não quer dizer que a mente se observa como estando vazia, mas, sim, que ela própria é vazia.

Pode então a mente, percebendo que ela própria é vazia e que toda tentativa, todo movimento para afastar-se desse vazio, é meramente uma fuga, uma dependência, pode a mente apartar de si toda dependência, e ser o que ela é - vazia, solitária, completamente? E nesse estado, não está a mente livre de toda dependência, todo apego? Notai, por favor, que isto é uma coisa que tem de ser investigada, e não aceita só porque eu o estou dizendo. Nenhuma significação tem ela se meramente a aceitais. Mas, se estais experimentando a coisa enquanto vamos caminhando, vereis que todo movimento por parte da mente - sendo movimento: avaliação, condena-

ção, tradução, etc. -, que todo movimento é uma distração que nos afasta do fato de o que é e cria conflito entre a mente e a coisa observada.

Isto, para irmos mais longe, é realmente uma questão de saber se a mente pode existir sem esforço, sem dualidade, sem conflito, e ser, portanto, livre. No momento em que a mente se vê envolvida em conflito, ela não é livre. Quando não há esforço para ser livre, há liberdade. Pode, pois, a mente existir sem esforço e, por conseguinte, ser livre?

Pergunta: Sou capaz, agora, de aceitar os problemas que me dizem respeito. Mas como posso deixar de sofrer por meus filhos, quando são atingidos pelos mesmos problemas?

Krishnamurti: Porque dependemos de nossos filhos? E, além disso, amamos os nossos filhos? Se há amor, como pode haver dependência, como pode haver sofrimento? Nossa ideia de amor é que devemos sofrer por outros. É amor, sofrer? Ou o fato é que eu dependo de meus filhos, que busco através deles a imortalidade, o preenchimento, etc.? Por isso, desejo que meus filhos sejam algo; e, se não o são, sofro. Bem pode ser que o problema não sejam os filhos, absolutamente, mas eu próprio. E repetimos: talvez não saibamos o que é amar. Se amássemos os nossos filhos impediríamos todas as guerras futuras, é claro. Não condicionaríamos os nossos filhos. Eles não seriam nem ingleses, nem hindus, nem brâmanes, nem não brâmanes; seriam crianças. Mas, como não amamos, depen-

demos dos nossos filhos; através deles esperamos preencher a nós mesmos. E, assim, quando nosso filho, por meio de quem queremos preencher-nos, faz algo que não é aquilo que queremos, sentimos pesar, e há conflito. Fazer simplesmente uma pergunta e esperar a resposta tem pouca significação. Mas se pudermos observar por nós mesmos o "processo" desse apego, o "processo" dessa busca de preenchimento por meio de outro, o que é dependência e deve, inevitavelmente, criar sofrimentos, se pudermos percebê-lo por nós mesmos, como um fato, poderá surgir uma coisa diferente, quiçá amor. E tal relação produzirá então uma sociedade diferente, um mundo muito diferente.

Pergunta: Quando se alcança o estado em que a mente se tornou tranquila, e não se tem nenhum problema imediato, que nasce dessa tranquilidade?

Krishnamurti: Aí está uma pergunta extraordinária, não achais? Tendes por certo que atingistes essa mente tranquila, e desejais saber o que acontece depois disso. Mas ter uma mente tranquila é uma das coisas mais difíceis. Teoricamente, é facílima; mas, na realidade, esse é um dos estados mais extraordinários, indescritíveis. O que acontece, vós o descobrireis quando chegardes lá. Mas esse "chegar lá" é o problema, e não o que acontece depois. Não se pode "chegar" a esse estado. Ele não é um "processo", não é uma coisa que se irá alcançar mediante certa prática. Não é

uma coisa adquirível com tempo, com saber, com disciplinas, mas que só se realiza pela compreensão do "processo" total de nosso próprio pensar, e não pelo tentarmos alcançar um resultado. Então, será possível que se torne existente aquela tranquilidade. O que depois acontece é indescritível, não tem palavra que o defina, não tem "significação". Deveis saber que toda experiência - sempre que há experimentador - deixa uma lembrança, uma cicatriz. E a essa lembrança a mente fica apegada, e deseja mais, e cria assim o tempo. Mas o estado de tranquilidade é atemporal e, portanto, não há experimentador para experimentar aquela tranquilidade.

Vede, por favor, que isto - se desejais compreendê-lo - é realmente muito importante. Enquanto existir um "experimentador" que diz "Tenho de experimentar a tranquilidade", e conhece a experiência, não se trata então de tranquilidade e, sim, de um truque da mente. Quando digo que experimentei a tranquilidade, isso foi simplesmente uma fuga à confusão, ao conflito, e nada mais. A tranquilidade a que nos referimos é coisa completamente diversa. Eis porque tanto importa compreender o pensador, o experimentador, o "eu" que reclama um estado a que chama "tranquilidade". Posso ter um momento de tranquilidade, mas, quando o tenho, a mente se apega a ele e fica vivendo naquela tranquilidade pela memória. Mas isso não é tranquilidade, porém, sim, mera reação. Estamos falando de uma coisa muito diferente: de um estado em que não há "experimentador", e por conseguinte aquele silêncio, aquela tranquilidade não é uma experiência. Se há uma entidade que se recorda daquele estado, há então experimentador, e, portanto, tal experiência não é aquele estado. Isso, na realida-

de, significa morrer para cada experiência, nunca havendo um momento em que se guardem e acumulem experiências. Afinal de contas, é essa acumulação que produz conflito, que produz o desejo de mais. A mente que acumula, que é ávida, não pode morrer para todas as coisas que acumulou. Só a mente que morreu para tudo o que acumulou, mesmo para a experiência mais sublime, só essa mente pode conhecer aquele silêncio.

Mas aquele estado não pode ser criado pela disciplina, porque disciplina implica continuidade do experimentador, o fortalecimento de certa intenção de alcançar dado objetivo, o que dá ao experimentador continuidade. Se percebermos essa coisa com muita simplicidade, muita clareza, encontraremos aquele silêncio mental a que me estou referindo. O que posteriormente acontece não pode ser contado, não pode ser descrito, porque não tem "significação", a não ser em livros e em filosofia.

Ouvinte: Se não tivermos experimentado essa tranquilidade completa, como podemos saber que ela existe?

Krishnamurti: Porque precisamos saber que ela existe? Ela pode não existir, absolutamente, pode ser ilusão, fantasia minha. Mas pode-se ver que, enquanto há conflito, a vida é uma calamidade. Compreendendo o conflito, saberei o que significa "a outra coisa". Ela pode ser uma ilusão, uma invenção, um truque da mente; mas, se compreendo todo o significado do conflito, tenho a possibilidade de encontrar algo totalmente diferente. Minha mente está muito ocupada com o seu conflito, interior e exterior. O conflito surge inevitavelmente quando há um experimentador que guar-

da, que acumula, e por conseguinte sempre está pensando em termos de tempo, de mais e de menos. Compreendendo isso, estando cônscio disso, pode apresentar-se um estado que podemos chamar "silêncio", ou qualquer nome que preferirdes. Mas o problema não é a busca do silêncio, da tranquilidade, porém, sim, a compreensão do conflito, a compreensão de mim mesmo em conflito.

Será que respondi à pergunta, que é: como sei que há silêncio? Como o reconheço? Compreendeis? Enquanto há processo de reconhecimento, não há silêncio. Em última análise, o processo de reconhecimento é o processo da mente condicionada. Mas na compreensão de todo o conteúdo da mente condicionada, a mente se torna quieta, não há um observador que reconhece achar-se num estado a que ele chama "silêncio". O reconhecimento da experiência cessou.

Ouvinte: Desejo perguntar-vos se reconheceis o ensino do Buda de que a compreensão correta ajudará a resolver os problemas interiores do homem, e que a paz interior do espírito depende inteiramente da autodisciplina. Concordais com os ensinamentos de Buda?

Krishnamurti: Quando estamos investigando a verdade a respeito de qualquer coisa, toda autoridade tem de ser posta à margem, positivamente! Se alguém almeja descobrir a verdade, não deve haver Buda nem Cristo. E isso significa, com efeito, que a mente deve ser capaz de estar completamente só, e não dependente. Buda pode estar enganado, Cristo pode estar enganado, e qualquer de nós pode também estar enganado. Temos, por

certo, de chegar ao estado em que não se aceita autoridade de espécie alguma. Esta é a primeira coisa: desmantelar a estrutura da autoridade. No desmantelar da imensa estrutura da tradição, esse mesmo processo produz uma compreensão. Mas o mero aceitar de uma coisa, porque está dita num livro sagrado, tem muito pouca significação.

Ora, para descobrir o que se acha além do tempo, o processo do tempo tem de cessar, não achais? O processo de busca tem de terminar. Porque, se estou buscando, então estou dependendo - não só de outrem, mas também de minha própria experiência, pois, se aprendi alguma coisa, procuro fazer uso dela para guiar-me. Para achar o verdadeiro, não deve haver busca de espécie alguma, e tal estado é a real tranquilidade da mente. É muito difícil a uma pessoa que foi criada numa determinada cultura, numa dada crença, com certos símbolos de tremenda autoridade, lançar fora tudo isso e pensar de maneira simples, por si mesma, e descobrir. Ela não poderá pensar de maneira simples se não conhecer a si mesma, se não tiver autoconhecimento. E ninguém pode dar-nos o conhecimento de nós mesmos - nenhum instrutor, nenhum livro, nenhuma filosofia, nenhuma disciplina. O "eu" está num movimento constante; enquanto ele vive, precisa ser compreendido. E só pelo autoconhecimento, só pela compreensão do processo de meu próprio pensar, observado no espelho de cada reação, posso descobrir que, enquanto há qualquer movimento do "eu", da mente, em direção a um objetivo - Deus, a verdade a paz - essa mente não é uma mente quieta, pois está querendo realizar, apanhar, alcançar certo estado. Se há qualquer espécie de autoridade, de compulsão, de imitação, a mente não pode compreender. E para saber que a mente está imitando, que está sendo

embargada pela tradição, para se estar cônscio de que ela está perseguindo suas próprias experiências, suas próprias projeções, para tanto requer-se muita penetração, muito percebimento e autoconhecimento.

Só então, com todo o conteúdo da mente, toda a consciência, posto a descoberto e compreendido, haverá a possibilidade de um estado a que se pode chamar "tranquilidade", um estado sem experimentador e sem reconhecimento.

Sexta Conferência em Londres

(26 de junho de 1955)

Parece-me muito importante descobrirmos, por nós mesmos, o que é que estamos buscando, e porque estamos buscando. Se pudermos examinar esta questão com certa profundeza, acho que descobriremos muitas coisas nela envolvidas. Os mais de nós estamos em busca de alguma espécie de preenchimento. Estando insatisfeitos, queremos achar a satisfação em certa relação, no exercício de certas capacidades, ou na busca de certa espécie de ação que seja completamente satisfatória. Ou, se não somos desse temperamento, então, em geral, buscamos o que pensamos ser a verdade, Deus, etc.

Quase todos nós estamos buscando, procurando; e se pudéssemos, cada um de nós, descobrir por nós mesmos o que é que estamos buscando, e porque estamos buscando, esse descobrimento, penso, muitas coisas nos revelaria. Vendo-nos insatisfeitos com nós mesmos, com nosso ambiente,

com nossas atividades, nossas ocupações, quase todos desejamos um emprego melhor, uma posição melhor, melhor compreensão, atividades mais amplas, uma filosofia mais satisfatória, um cargo inteiramente satisfatório. Exteriormente, é isso que desejamos; e, quando não podemos satisfazer-nos, procuramos águas mais profundas, cultivamos a filosofia, interessamo-nos por reformas, reunimo-nos em grupos diversos, para discutir, etc., e a insatisfação continua... Acho importante averiguarmos se o motivo de nossa busca é compreender a insatisfação, ou achar a satisfação. Porque, se é a satisfação que estamos buscando em qualquer nível, é claro, então, que nossa mente se tornará muito vulgar. Mas pode ser que haja um descontentamento sem objetivo, o descontentamento em si, que não é impulso para a consecução de um resultado, para se chegar a alguma parte. Acho que a maioria de nós, vendo-nos insatisfeitos com nossas relações, nossas profissões, nossas atitudes, nossos valores, estamos procurando desvencilhar-nos de tudo isso para adotarmos um diferente sistema de valores, diferentes relações, diferentes ideias, diferentes crenças; mas, no fundo de tudo isso, está o impulso para nos tornarmos satisfeitos.

Seria interessante se pudéssemos descobrir, por nós mesmos, se existe uma coisa tal como um descontentamento sem "motivo" algum, descontentamento que não seja produto de certa frustração; porque esse próprio descontentamento sem "motivo" pode ser a qualidade que se faz necessária. Presentemente, quando estamos buscando, a nossa busca resulta de insatisfação, descontentamento, e nosso "motivo" é achar satisfação desta ou daquela espécie. Principalmente quando falamos a respeito da verdade ou Deus, estamos - não é verdade? - em busca de certo estado de espírito que

seja completamente satisfatório. Quer a mente seja muito ampla, muito sutil, quer tenha muito pouca capacidade, se ela está em busca da satisfação - ainda que sob a forma mais sutil - então os seus deuses, suas virtudes, suas filosofias, seus valores, serão forçosamente vulgares, mesquinhos, superficiais.

Nessas condições, é possível a mente ficar livre de toda busca, o que significa: livre daquele descontentamento cujo "motivo" é achar satisfação? Porque, por mais sutil e por mais inteligente que a mente seja, e quaisquer que sejam as virtudes que tenha cultivado, se ela está meramente buscando satisfação, sob qualquer forma, é então incapaz de compreender o que é verdadeiro. Sem dúvida, todo o processo do pensar é medíocre, muito limitado. Afinal de contas, o pensar é resultado da memória acumulada, da associação, da experiência; o pensar é a reação dessa memória, a reação da mente condicionada. Quando esse condicionamento cria insatisfação, então tudo o que resulta dessa insatisfação é também condicionado. Nossa busca será sempre de todo em todo fútil enquanto estiver baseada num descontentamento que não seja mais do que uma simples reação a dado condicionamento.

Percebido isso, surge a questão de saber se existe alguma outra forma de descontentamento, se existe um descontentamento que não esteja "canalizado", que não tenha "motivo" algum, que não vise a um preenchimento. É possível que a coisa essencial seja esse descontentamento "sem motivo", esse descontentamento que não é reação a certo condicionamento. Por ora, o nosso pensar, a nossa busca, tem um "motivo", e esse motivo baseia-se em nossa exigência de um estado permanente de satisfação com-

pleta, ao abrigo de toda e qualquer perturbação, estado que chamamos "paz", "verdade", "Deus", etc.; e toda a finalidade da nossa busca é o alcance desse estado. Vemos, pois, que a busca, em geral está baseada na exigência de satisfação, na exigência de um estado de permanência, onde nunca sejamos perturbados. E pode uma mente nessas condições, cujo pensar é "motivado" pelo desejo de satisfação, descobrir, em algum tempo, o que é verdadeiro?

Parece-me que devemos compreender por nós mesmos todo o "processo" que motiva a nossa busca, o porque buscamos, sem nos deixarmos satisfazer por nenhuma palavra preferida, nenhuma finalidade ou alvo preferido, por mais nobre, inspirador ou ideal que pareça. Porque, sem dúvida, o próprio do "eu" é, exatamente, esse constante "processo" de descontentamento dirigido para uma realização, um preenchimento; é só isso que conhecemos. Quando não há preenchimento há frustração; e surgem então os numerosos problemas relativos a como superar este sentimento de frustração. E, assim, a mente busca um estado livre de frustração, sofrimento. Por conseguinte, a nossa busca da verdade pode ser, justamente, preenchimento, expansão do "eu", de "mim". E vemo-nos, assim, aprisionados neste círculo vicioso. Se estamos cônscios disso, completamente, totalmente, não há então nenhuma tendência para o preenchimento em qualquer crença, qualquer dogma, qualquer atividade, ou qualquer estado particular. A busca de preenchimento implica sofrimento, frustração; e, se percebe a verdade a esse respeito, a mente deixa de buscar. Em meu sentir, há diferença entre a atenção que se dá a um objetivo e a atenção sem objetivo algum. Podemos concentrar-nos em dada ideia, crença, objetivo, o que é um

processo de "exclusão"; e há outra atenção, um percebimento que não é "exclusivo". Identicamente, existe um descontentamento, sem "motivo", que não é produto de nenhuma frustração, que não pode ser "canalizado", que não pode aceitar preenchimento algum. Talvez eu não esteja empregando a palavra correta, mas acho que esse extraordinário descontentamento é a coisa essencial. Sem ele, qualquer outra forma de descontentamento se torna mero caminho para a satisfação.

Assim sendo, pode a mente que está cônscia de si mesma, que conhece as peculiaridades de seu próprio pensar, pôr fim a essa exigência de preenchimento? E, terminada ela, podemos permanecer sem buscar, num estado de completa vacuidade, sem esperança, sem medo? Não devemos chegar a esse estado, quando ocorre a completa cessação do buscar? Porque só então é que será possível acontecer algo que não é produto da mente. Nosso pensar, afinal de contas, resulta do tempo, de muitos dias passados; e, através do tempo, que é pensar, estamos tentando achar algo que está além do tempo. Estamo-nos servindo da mente, o instrumento do tempo, para achar uma coisa que não pode ser medida. Nessas condições, pode a mente imobilizar-se de todo para que possa acontecer algo, o que, naturalmente, não significa um estado de amnésia, um estado de inexistência, de não pensamento. Pelo contrário, ;isso requer muita vigilância, um percebimento em que não há objeto nem "entidade que percebe". Acho importante compreender isso. Atualmente, quando estamos percebendo, comumente, na vida cotidiana, nesse percebimento há julgamento, avaliação; tal é o nosso percebimento normal. Quando olhamos um quadro, começa a funcionar imediatamente o processo de condenação, de compara-

ção, de avaliação; e não podemos ver o quadro, porque o processo de avaliação, como uma cortina, se pôs de permeio. Podemos olhar o quadro sem avaliação, sem comparação? Analogamente, posso olhar a mim mesmo, não importa o que eu seja - todos os erros, tribulações, fracassos, tristezas, alegrias - e ver tudo isso sem avaliação, percebê-lo simplesmente, sem pôr no meio a cortina da condenação ou da comparação? Se a mente for capaz de fazê-lo, veremos que esse próprio percebimento "queima" a raiz de qualquer problema. Quando a mente está assim cônscia, totalmente cônscia, então não há busca; a mente já não está comparando, buscando a satisfação, pensando em termos de realizarão. Não é a mente, então, ela própria, atemporal? Enquanto a mente compara, condena, julga, está condicionada, e está no tempo; mas quando tudo isso cessou, de todo, não se acha então a própria mente naquele estado que se pode chamar "eternidade"? Nesse estado não há observador, não há "experimentador" que tem associações, que tem lembranças, que está buscando, pois tudo isso é produto do tempo. Enquanto o experimentador está buscando, tentando preencher-se, acumulando experiência, acumulando conhecimentos, tentando descobrir campos mais vastos onde viver, está criando o tempo, e suas ações, quaisquer que sejam, estarão sempre dentro da esfera temporal. O imensurável não pode, jamais, ser encontrado pelo experimentador, "aquele que busca". É só naquele estado em que a mente já não está buscando, em que já não está cultivando, pela busca, um fim para ser alcançado, é só então que se torna possível despontar na existência a realidade.

Pergunta: Tenho muito interesse no que dizeis, e sinto me entusiasmado. Que posso realizar com este entusiasmo?

Krishnamurti: O entusiasmo esfria muito depressa. Se estais meramente inspirado pelo que ouvis, essa inspiração acabará e ireis buscar outra forma de inspiração ou outras sensações. Mas, se o que se está dizendo aqui faz parte do que vós mesmo descobris, se resulta de vossa própria investigação interior, então isso é coisa vossa, e não de outro. Mas, se é coisa de outro, tendes então o complicado processo, o processo fatigante, corrosivo, da criação e da veneração da autoridade. Se escutastes e compreendestes, então, naturalmente, realizareis alguma coisa; mas, se só estais entusiasmado, "inspirado", ireis aderir a certos grupos, formar sociedades, organizações, e isso mesmo irá tornar-se mais um obstáculo.

Afinal, a respeito de que é que estamos falando? Eu não estou dizendo nenhuma novidade. Só estamos tentando saber ao claro como observar a nós mesmos, como observar o processo da consciência, o que somos. Para compreender a mim mesmo, preciso de autoconhecimento, preciso de um percebimento em que não haja condenação, comparação, julgamento; preciso, simplesmente, da capacidade de vigilância, de conhecer as tendências do meu pensamento, as tendências do "eu". E isso não torna necessária autoridade alguma, sem dúvida; cabe-vos, como indivíduo, descobri-lo por vós mesmo. A dificuldade está em que desejamos estímulo, queremos estar acompanhados, queremos que nos felicitem pelo nosso progresso, queremos encontrar outros que pensem como nós; e tudo isso são distra-

ções. Isso é uma coisa que tem de ser feita, toda ela, por vós mesmos. Vereis, se aprofundardes mais e mais o problema, como descobrireis por vós mesmo um estado que atuará por sua própria virtude, e vós nada tereis de fazer. Se descobrimos uma coisa real, esta verdade atuará por si. Mas o que acontece é que nós queremos atuar sobre a verdade, queremos fazer alguma coisa com ela. Destarte, começamos a condicionar-nos com experiências de toda sorte, visando a satisfazer, por meio da ação, a nossa particular vaidade. Mas eu acho que há uma atividade que não nasce do escutarmos umas poucas palestras, do lermos uns poucos livros; uma atividade que nasce quando vós mesmo experimentastes um estado supramental. Mas, se ficardes apegados a essa experiência, e procurardes agir de acordo com ela, porque pensais ter compreendido alguma coisa, então ela, a experiência, se torna vosso próprio empecilho.

Pergunta: Como podemos ter paz neste mundo?

Krishnamurti: Antes de mais nada, vejamos se alguém pode dar-nos a paz. Os políticos não no-la podem dar. Não haverá paz enquanto houver nacionalistas, enquanto houver exércitos, governos separados, barreiras raciais, e, sobretudo, barreiras de crença, de religião - isto é, da coisa que chamamos "religião". Poderá haver paz sob terror, mas isto naturalmente não é a paz. A paz é coisa inteiramente diversa, não achais? A paz é a cessação da violência interior, esta violência que se expressa pela ambição,

pela competição. E estamos dispostos, vós e eu, a abandonar as nossas ambições, a sermos como "nada"? A paz é um estado de espírito que não pode ser comprado, não achais? E como alcançar esse estado de paz interior? Ele não pode ser alcançado por auto-hipnotismo, pelo repetirmos para nós mesmos "Vou ser pacífico, vou ser pacífico...", nem pelo praticarmos a virtude da não violência. Isso é meramente um processo de auto-hipnose, para nos pormos em certo estado.

Assim sendo, é possível pôr à margem, realmente, interiormente, psicologicamente, todo nacionalismo, toda tendência ambiciosa, toda tendência a comparar-nos com outra pessoa, já que tudo isso gera a violência e a inveja? Só então, com certeza, será possível termos um mundo que poderemos chamar nosso. Ainda não existe o nosso mundo. A civilização ocidental está oposta a civilização oriental, e existe o mundo inglês, ou o mundo americano, ou o mundo comunista, etc. Não temos um mundo nosso, vosso e meu, onde vivermos juntos. E esse nosso mundo não poderá nascer enquanto qualquer de nós tiver alguma ideia de nacionalidade, de competição, de esforço para alcançar um resultado, para "vir a ser alguma coisa". Enquanto estou tentando tornar-me alguma coisa, haverá violência, a qual se expressa pela competição e pela crueldade. É possível, pois, a vós e a mim, de maneira real, e não apenas teoricamente, sermos como "nada"? É possível isso, mas não como uma fuga, porque as minhas ambições não foram preenchidas e, por conseguinte, procuro "tornar-me nada"; porque não se me dão oportunidades para exercer as minhas capacidades, e, assim, procuro tornar-me pacífico? É possível isso, porém, não como uma fuga, repito, mas sim pela compreensão do processo total, da natureza

íntima da violência? Se amo uma coisa por ela própria, não há necessidade de competição, há? Se amo o que estou fazendo, não porque me trará alguma coisa - um prêmio, uma realização, notoriedade, etc. -, se amo a coisa que faço, em razão dela própria, foi então desarraigado de mim o senso de competição, pois já não tenho nenhuma preocupação de ser mais eficiente do que outro. Porque não pensamos assim, temos a violência. Por meio de pactos, e *quiçá* de legislação, será possível produzir-se uma paz superficial; mas interiormente continuamos buscando, interiormente continuamos competindo, lutando, tentando expressar-nos, tentando ser algo. E enquanto existir essa violência não haverá paz, o que quer que façamos. Para ter paz necessita-se de profunda compreensão das tendências do "eu", do "eu" que está competindo, lutando para ser alguma coisa. É muito difícil compreendermos essas tendências e desembaraçar-nos delas. Nossa tradição, nossa educação, nossa cultura social, tudo, enfim, nos tem condicionado para sermos alguma coisa, e pensamos que se nada somos seremos destruídos.

Na verdade, nós estamos destruindo-nos pelo tentarmos ser alguma coisa, seja como grupo, seja como indivíduos, nação, classe; isto é o que está realmente acontecendo. Estamos destruindo-nos porque todos queremos ser algo. Mas se pudermos compreender todo o processo dessa ânsia de ser alguma coisa, talvez então, no sermos "nada", encontremos uma nova maneira de viver, a qual bem pode ser a única maneira correta. Mas isso requer uma revolução total, não a revolução comunista ou outra espécie de revolução exterior, mas uma completa revolução interior, em que não haja divisões, tais como a vossa religião e a minha religião, vossa

crença e minha crença. E, teremos, então, o nosso mundo, onde poderemos viver em paz. Desse sentimento de que o mundo é nosso, poderá nascer uma cultura de ordem totalmente diferente, uma nova espécie de Governo, de Poder.

Pergunta: Dizeis que, se pensamos completamente um pensamento que se apresenta, ele não se enraizará e, por conseguinte, ficaremos livres dele. Mas acontece que quando assim procedo, tanto quanto o permite a minha capacidade, tal pensamento surge de novo. Como devo proceder, nessas circunstâncias?

Krishnamurti: Vós tentais pensar completamente um pensamento com o desejo de vos livrardes dele, não é assim? Não é por esta razão que procurais pensar completamente um pensamento? Porque o interrogante diz: "Não posso livrar-me dele, ele se repete constantemente". O interrogante está, pois, interessado em ficar livre de um determinado pensamento; esse o motivo por que o examina. Por conseguinte, não pensa completamente o pensamento, visto que o que o interessa é só livrar-se de determinado pensamento que lhe é molesto, doloroso. Se o pensamento é agradável, naturalmente ele o conserva bem guardado, e, portanto, não há problema algum; é do pensamento desagradável que ele quer livrar-se. Tal o motivo por que quer pensá-lo completamente. E, se ele se ocupa com determinado pensamento, ùnicamente com a ideia de livrar-se dele, já o está condenan-

do, não é verdade? Está meramente a opor-se a um pensamento, com o desejo de eliminá-lo. E, assim, como pode compreender completamente o pensamento quando a sua intenção é de acabar com ele?

O importante, pois, não é o como pensar completamente um pensamento, mas, sim, compreender que não podemos "pensá-lo completamente" se há qualquer tendência condenatória - o que é bastante óbvio, não? Se desejo compreender uma criança, tenho de estudá-la; não devo condená-la, não devo dizer "Esta criança é melhor do que aquela criança", e não devo identificar-me com a criança. O que devo é observá-la quando brinca, quando chora, come, dorme.

Nessas condições, pode a minha mente observar um dado pensamento sem dar-lhe nome? Porque o dar nome a um dado pensamento, isso mesmo já é condená-lo. Este processo é um tanto complicado, mas, se tiverdes a bondade de escutar, estou certo de que lhe compreendereis o significado. Digamos que eu sou ávido, invejoso, e desejo compreender, completamente, esta inveja, e não apenas livrar-me dela. Em geral nós queremos livrar-nos dela, e procuramos fazê-lo por várias maneiras, e por várias razões; mas nunca conseguimos libertar-nos dela: ela continua a existir, indefinidamente. Mas se desejo realmente compreendê-la, descobrir completamente a sua raiz, então, decerto, não devo condená-la. A própria palavra "inveja" tem sentido condenatório, acho eu; pode, pois, a mente dissociar desta palavra o sentimento a que chamo "inveja"? Porque no aplicar-lhe um termo, no dar a esse sentimento o nome de "inveja", estamos com esta própria palavra condenando o sentimento, não é verdade?

Com a palavra "inveja" está associado, todo inteiro, o significado psicológico e religioso da condenação.

Posso, pois, dissociar da palavra o sentimento? Se a mente for capaz de não associar o sentimento com a palavra, existe então uma entidade, um "eu", a observar o sentimento? Porque o observador é a associação, é a palavra, é a entidade que está condenando o sentimento. Examinemos um pouco mais este assunto. Tende a bondade - se me permitis sugeri-lo - de observar a vossa própria mente em operação; não fiqueis a escutar-me apenas intelectualmente, verbalmente, porém examinai ao mesmo tempo todo sentimento de inveja ou de violência com que estais familiarizado; investigai-o junto comigo.

Suponhamos que eu sou invejoso. A reação normal, diante deste fato, é justificá-lo ou condená-lo. Estou-o justificando quando digo para mim mesmo: "Não sou propriamente invejoso; meu desejo de me tornar alguém faz parte da cultura, da minha sociedade, e sem ele não serei ninguém". Ou, ainda, condeno-o quando acho que tal sentimento não é "espiritual", ou por outras razões quaisquer. Assim, pois, começo a examinar o sentimento que chamo "inveja", justificando-o ou condenando-o. Mas se não faço nem uma nem outra coisa (o que é sobremodo difícil, porquanto significa que tenho de libertar a mente de todo o meu condicionamento do passado, da cultura em que fui educado), se minha mente está libertada do condicionamento, então ela deve estar também livre da palavra, porque a própria palavra "inveja" implica condenação. Compreendeis? Ora, minha mente é constituída de palavras, de símbolos, de ideias; estes símbolos, ideias, palavras, sou "eu". E pode haver sentimento de inveja quando não

há mais verbalização, ao cessar tudo o que está associado com o "eu", que é a própria essência da inveja? Assim, pode a inveja ser experimentada quando o "eu" está ausente? Porque esse "eu" é a essência da condenação, da verbalização, da comparação. Para pensarmos completamente um pensamento, para o profundarmos até a raiz, necessita-se de um percebimento em que não haja senso de condenação, de justificação, etc., nem tendência para tentar dominar um problema. Porque, se estou meramente procurando dissolver um problema, minha atenção está, então, focada na dissolução, e não na compreensão do problema. O problema é a maneira como eu penso, a minha maneira de agir; e se condeno a minha maneira de pensar, minha maneira de ser, levanto naturalmente obstáculos à ulterior investigação. Se digo: "Eu não devo ser isto e devo ser aquilo", não há, então, compreensão alguma das atividades do "eu", cuja natureza mesma é a inveja, a ânsia de aquisição.

A questão é: posso estar cônscio tão profundamente que não haja tendência para a condenação, a comparação? Porque é só então que será possível pensar completamente um pensamento.

Pergunta: Pareceis rejeitar a ioga, e concordo convosco em que a ioga é muitas vezes praticada como método de fugir a 'o que é'. Mas, se evitamos a fixação artificial da mente num objeto escolhido e permitimos que a nossa chamada meditação assuma o caráter de investigação, abrangendo todo o campo de 'o que é', sem esperar resposta, isso, sem dúvida, é o que

costumais recomendar. Não achais, também, que poderíamos executar mais facilmente essa coisa difícil se tivéssemos aprendido a quietar o corpo e a respiração?

Krishnamurti: O interrogante, com efeito, deseja saber "como meditar": se o quietar o corpo e controlar a respiração não facilitará a meditação, que é o processo de investigação de todo o campo de 'o que é', sem fugir dele. Vejamos, pois, se podemos descobrir "como meditar". Ora, se tiverdes a bondade de escutar sem focar a atenção numa determinada sentença, numa determinada frase da resposta, poderíamos investigar, juntos, toda a questão de "como meditar". Para mim, o "como" não constitui, em absoluto, o problema. O problema é: que é meditação? Se não sei o que é meditação, a mera pergunta sobre como meditar nada significa. O que investigo, pois, não é "como meditar", que método seguir, como estar cônscio de 'o que é', sem fugir, como quedar-me tranquilo, como repetir certas palavras, etc. Não estamos tratando de nada disso. Se sei o que é meditação, então a questão de "como meditar" não constituirá problema algum, naturalmente.

Ora, que é meditação? Como não sabemos o que é meditação, não temos nenhuma ideia sobre como começar. Devemos, pois, abeirar-nos do problema com a mente aberta, não é verdade? Compreendeis? Deveis abeirar-vos dele com uma mente livre, dizendo "Não sei", e não com uma mente ocupada, perguntando "Como meditar?" Vede: se verdadeiramente prestardes atenção a este problema - o que não significa aderir ao que estou dizendo, mas, sim, experimentar realmente a coisa, ao mesmo tempo

que vamos falando - descobrireis por vós mesmo o significado da meditação. Até agora nos temos abeirado do problema com uma atitude de indagação sobre "como meditar", que sistemas seguir, como respirar, quais as práticas da ioga que convém adotar, etc., etc.; porque, pensando que sabemos o que é meditação, achamos que o "como" nos levará a algo. Mas sabemos de fato o que é meditação? Eu não sei, e penso que vós também não sabeis. Portanto, nós dois temos de abeirar-nos da questão com uma mente que diz "Não sei", ainda que tenhamos lido centenas de livros e praticado muitas disciplinas da ioga. Vós não sabeis, realmente. Só estais esperando, só estais desejando, querendo chegar, através de determinado padrão de ação, de disciplina, a certo estado. E tal estado pode ser completamente ilusório; pode ser apenas o vosso próprio desejo. E, sem dúvida o é; é a vossa própria "projeção", como reação à vossa aflitiva existência diária.

Assim, a primeira coisa, a coisa essencial, não é "Como meditar?", mas, sim, descobrir o que é meditação. Portanto, a mente deve chegar-se a esse problema sem nada saber; e isso é dificílimo. Estamos muito acostumados a pensar que a meditação requer necessariamente um determinado sistema - repetição de palavras, na oração, adoção de uma determinada postura, fixação da mente em certa frase ou imagem, respirar de maneira regular, manter o corpo num estado muito tranquilo, controle completo da mente; estamos bem familiarizados com tudo isso. E pensamos que nos levará a alguma coisa que se acha além da mente, além do processo transitório do pensamento. Pensamos que já sabemos o que desejamos, e agora estamos comparando os diferentes métodos para saber qual é o melhor de to-

dos. A questão relativa a "como meditar" é completamente falsa. Mas posso descobrir o que é meditação? Esta é a questão real. É uma coisa extraordinária o meditar, o saber o que é meditação e, portanto, investiguemo-la. Sem dúvida, a meditação não é a prática de qualquer sistema, achais que é? Pode a minha mente eliminar de todo esta tradição de disciplina, de método? Tradição existente não só aqui, mas também na Índia? Essa eliminação é necessária - não achais? -, visto que não sabemos o que é meditação. Sei como concentrar-me, como controlar, disciplinar, sei o que devo fazer; mas não sei o fim a que se chega com isso. Disseram-me, apenas: "Se fizerdes estas coisas, alcançareis algo", e, como sou ávido, ponho-me a praticar tais exercícios. Assim, pois, a fim de descobrir o que é meditação, posso eliminar a exigência do método?

A própria investigação desta questão é meditação, não é? Estou meditando no momento em que começo a indagar o que é meditação, em vez de "como meditar?" No momento em que começo a descobrir, por mim mesmo, o que é meditação, a minha mente, como não o sabe, tem de rejeitar tudo o que sabe, o que significa que tenho de pôr à margem o meu desejo de alcançar um estado. Porque o desejo de alcançar é a raiz, é a base da minha busca de método. Tenho conhecido momentos de paz, de serenidade, e o sentimento de um "outro estado"; e desejo alcançá-lo de novo, torná-lo um estado permanente; e por esta razão ponho-me a procurar o "como". Penso que já sei o que é aquele outro estado, e que um método me conduzirá a ele. Mas, se já sei o que é essa outra coisa, ela então não é a coisa verdadeira, porém, sim, meramente uma projeção de meu próprio desejo. Minha mente, quando está deveras investigando o que é medita-

ção, compreende o desejo de realização, obtenção de resultado e, portanto, está livre dele, do desejo. Por conseguinte, ela se livrou completamente de toda e qualquer autoridade; pois não sabemos o que é meditação, e ninguém pode dizer-nos o que ela é. Minha mente está, toda ela, num estado de "não saber"; não recorre a nenhum método, oração, repetição de palavras, concentração, porquanto percebe que a concentração é simplesmente outra forma de realização. A concentração da mente numa dada ideia, esperando que assim se exercitará para ir mais além, mediante "exclusão", essa concentração implica também um "estado de saber". Assim, se eu "não sei", então todas estas coisas terão de desaparecer; não estou mais pensando em termos de realizar algo, de chegar a um fim. Já não há a ideia de que a acumulação me ajudará a alcançar a outra margem.

Assim, depois de fazer isso, já não descobri o que é meditação? Não há conflito, não há luta; há compreensão da desnecessidade de acumular, compreensão, a todas as horas, e não em dado momento. Meditação, pois, é o processo de completo desnudamento da mente, depuração de toda tendência de acumulação e realização, que constitui a própria natureza do "eu". A prática de métodos variados só poderá tornar mais forte o "eu". Podeis disfarçar o "eu", embelecê-lo, requintá-lo; mas ele é sempre o "eu". A meditação, pois, é o descobrimento das atividades do "eu".

Vereis, se vos aprofundardes bastante nisso, que nunca há um momento em que a meditação se torna hábito. Porque o hábito implica acumulação, e, onde há acumulação, há o processo do "eu" a pedir mais, a exigir mais acumulação. Tal meditação está dentro da esfera do conhecido, e nenhuma significação tem, a não ser como método de auto-hipnotismo. A mente só

pode dizer "Não sei" - realmente e não apenas verbalmente - depois de haver eliminado, pelo percebimento, pelo autoconhecimento, toda ideia de acumulação. A meditação, pois, significa, "morrermos para nossas acumulações", e não o alcançar de um estado de silêncio, de tranquilidade. Enquanto a mente for capaz de acumular existirá sempre a ânsia de mais. E o mais exige o sistema, o método, o estabelecimento da autoridade, coisas essas que representam, verdadeiramente, a própria tática do "eu". Depois de perceber a falácia de tudo isso, a mente se vê num estado de "não saber". Esta mente pode perceber aquilo que não é mensurável e que só pode manifestar-se momento por momento.